



JOGOS
MUNDIAIS
DOS POVOS
ÍNDÍGENAS

Brasil • 2015

O importante é celebrar!



Foto: © PNUD/Tiago Zenaro

Publicado em 2017 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em cooperação com o Ministério do Esporte (ME), o Comitê Intertribal (ITC) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

© PNUD 2017



Esta publicação está disponível em acesso livre ao abrigo da licença Atribuição-Uso Não-Comercial-Partilha 3.0 IGO (CC-BY-NC-ND 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/igo/>). Ao utilizar o conteúdo da presente publicação, os usuários aceitam os termos de uso do Repositório UNESCO de acesso livre (www.unesco.org/open-access/terms-use-ccbyncnd-port).

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte do PNUD, do ME, do ITC e da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as do PNUD, do ME, do ITC e da UNESCO, nem comprometem as instituições.

Autoria do texto: Lucas Roque, Marcos Terena, Juan Antonio Calfin e Taily Terena

Desenho da capa: JMPI

Coordenação técnica: Marlova Jovchelovitch Noletto, diretora da área programática, e Setor de Ciências Humanas e Sociais da Representação da UNESCO no Brasil

Revisão técnica: Renata Ramos Ribeiro e Maria Teresa Fontes (PNUD); Fábio Soares Eon (UNESCO)

Projeto gráfico, diagramação e revisões: Unidade de Comunicação, Informação Pública e Publicações da Representação da UNESCO no Brasil

Roque, Lucas

Jogos mundiais dos povos indígenas: Brasil, 2015: o importante é celebrar! / Lucas Roque, Marcos Terena, Juan Antonio Calfin e Taily Terena. – Brasília: PNUD, 2017.
104 p., il.

ISBN: 978-85-88201-46-0

1. Esporte 2. Povos indígenas 3. Costumes e tradições 4. Cultura de paz 5. Patrimônio cultural imaterial I. II. Terena, Marcos III. Calfin, Juan Antonio IV. Terena, Taily I. PNUD III. Título
CDD 394.3

Impresso pelo PNUD
Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	13
Arena dos Jogos	21
<i>Jogos de integração</i>	27
<i>Jogos de demonstração</i>	39
<i>Jogo ocidental</i>	47
Oca da Sabedoria	49
<i>Delegações brasileiras</i>	51
<i>Delegações internacionais</i>	65
Oca Digital	79
Feira de Agricultura Familiar Indígena	83
Feira de Artesanato	91
Não um encerramento, mas o início de uma nova etapa	95
Bibliografia	99







Foto: © PNUD/Tiago Zenero



PREFÁCIO

O Ministério do Esporte, o Comitê Intertribal (ITC), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) têm o prazer de apresentar a publicação-síntese dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, realizados na cidade de Palmas, estado do Tocantins, entre 22 e 31 de outubro de 2015.

A primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas não apenas reforçou a vocação do Brasil como anfitrião de importantes eventos esportivos do calendário internacional, mas também brindou a comunidade internacional com a oportunidade de reunir mais de 2 mil atletas, representantes de 30 nacionalidades e 24 etnias. Desnecessário dizer que organizar um encontro de tamanha envergadura somente foi possível graças aos esforços de todos os parceiros, que contribuíram para um momento único de comunhão e confraternização entre diferentes nações indígenas em torno do esporte.

Os *Jogos Mundiais dos Povos Indígenas* (JMPI) incluíram competições de esportes indígenas – reunidos em jogos tradicionais demonstrativos e jogos nativos de integração –, mas também um esporte ocidental competitivo, sempre pautados pelo espírito de união das etnias e dos povos indígenas.

Com a realização do evento, amplamente coberto pela imprensa nacional e internacional, mais uma vez tornou-se evidente o enorme potencial agregador do esporte como instrumento de integração e promoção da cultura de paz



entre os povos. Outra contribuição não menos relevante dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas consiste em reabrir um importante debate relativo à preservação e à salvaguarda de manifestações culturais, tradições ou valores ancestrais relacionados aos chamados “jogos tradicionais”, muitos dos quais ainda se encontram sob risco de desaparecimento caso não se promovam, urgentemente, iniciativas de cunho intergeracional e valorização do saber e da cultura dos povos autóctones.

A realização desse evento reforça ainda mais o preconizado por importantes marcos internacionais na área, como a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2007) e a Declaração de Punta del Este (1999), que instam os países a valorizar os jogos indígenas e tradicionais, incluindo a elaboração de uma “lista mundial de esportes e jogos” e a promoção de “festivais mundiais e regionais”.

A presente publicação reúne um pouco da riqueza cultural que marcou esse encontro e, coincidentemente, está organizada em capítulos que remetem aos espaços nos quais ocorreram as atividades do evento: Arena dos Jogos, Oca da Sabedoria, Oca Digital, Feira de Agricultura Familiar Indígena e, finalmente, Feira de Artesanato.

Boa leitura!

**Ministério
do Esporte**

**Comitê
Intertribal**

**PNUD
no Brasil**

**UNESCO
no Brasil**



Foto: © PNUD/Tiago Zenero



Corrida de 100 metros

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

INTRODUÇÃO

“Este evento é um excelente exemplo de como o esporte pode unir as pessoas e promover a paz, o respeito pelos direitos humanos e as ricas culturas e sabedoria indígenas de todo o mundo”.

(Ban Ki-moon, então secretário-geral da ONU, 2015)

Os *I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas* (JMPI) caracterizam-se por ser um evento que busca a valorização dos jogos tradicionais indígenas, ou grupos autóctones, como forma de salvaguardar seu patrimônio cultural. Os Jogos buscam promover a aproximação entre os diferentes povos, como forma de celebração de seus costumes, tradições e valores. Por fim, visam a sensibilizar os não indígenas sobre a diversidade das culturas indígenas e sobre a importância dessas culturas para a formação dos Estados nacionais. Os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas foram idealizados pelo Comitê Intertribal (ITC), associação indígena brasileira, com o apoio de 16 países que decidiram que esse evento seria realizado no Brasil. Assim, o evento é uma realização do ITC como idealizador, organizador e articulador do apoio de setores governamentais e privados, de maneira especial o apoio da ONU, por meio do próprio secretário-geral.

Os jogos tradicionais são uma expressão do patrimônio cultural imaterial e colaboram para a transmissão desse patrimônio, na medida em que guardam em si uma série de valores ancestrais, uma cosmovisão específica e contribuem para o diálogo intergeracional. É nesse sentido que as manifestações associadas aos jogos autóctones devem ser incentivadas, não somente como demonstração de força e habilidade dos praticantes, mas como expressão de sua cultura. Os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas são uma das mais significativas iniciativas no sentido da salvaguarda dessas manifestações em escala global.

Há alguns anos, esforços no sentido de reconhecer e salvaguardar os jogos tradicionais vêm sendo envidados em várias partes do mundo. Dentre eles, destacam-se:

- A Terceira Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários Responsáveis pela Educação Física e Esporte (MINEPS III), realizada em Punta del Este (Uruguai), em 1999, quando se solicitou ao diretor-geral da UNESCO a elaboração de uma política de jogos tradicionais e esportes mundiais, que previsse um plano de ação nesse sentido.
- A Carta sobre Jogos e Esportes Tradicionais (*traditional sports and games – TSG*), aprovada na 33ª sessão da Conferência Geral da UNESCO em 2005, que enfatiza o papel dos jogos e esportes tradicionais como uma parte significativa do patrimônio cultural que deve ser protegida e promovida, nomeadamente com vistas a melhorar a qualidade da educação física e do esporte nos sistemas de educação.
- A Resolução sobre a Promoção e Desenvolvimento de Esportes e Jogos Tradicionais (2008) da UNESCO e da Associação Internacional de Esporte para Todos (Tafisa), elaborada por ocasião do 4th World Sport for All Games, em Busan (Coreia do Sul), que “confirma e reforça a importância dos jogos e esportes tradicionais como um veículo para a tolerância, integração cultural consciência, a solidariedade, a diversidade e a paz mundial” (TAFISA; UNESCO, 2008). A Resolução chama atenção para o fato de que muitos desses jogos



tradicionais já desapareceram ou estão sob ameaça. Além disso, afirma a importância da salvaguarda dessas modalidades de jogos tradicionais, com vistas a assegurar a diversidade cultural.

- A Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2007), que expressa o direito que os indígenas têm de “manter, controlar, proteger e desenvolver seu patrimônio cultural [...] os esportes e jogos tradicionais [...]” (NAÇÕES UNIDAS, 2009).

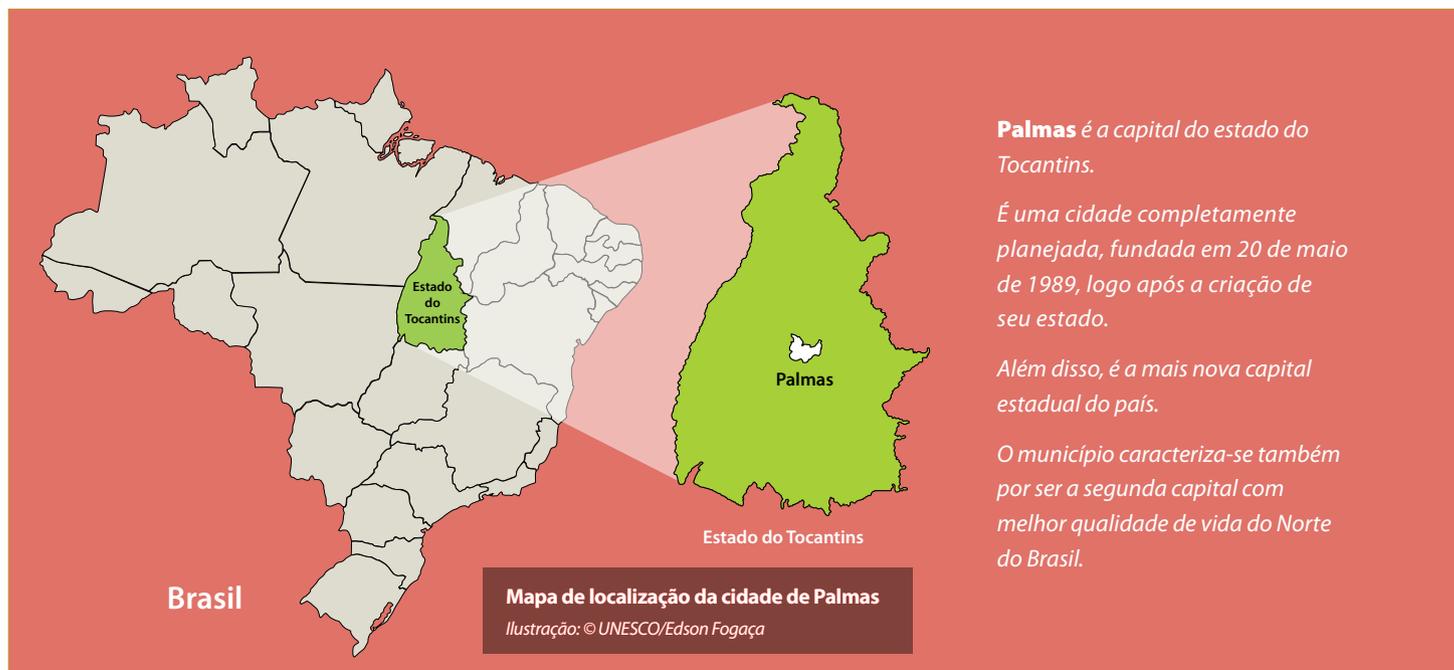


“Foi um momento histórico” – esta foi uma das falas unânimes daqueles que compartilharam a experiência dos I JMPI. Foi uma grande celebração da diversidade cultural entre os povos, do respeito humano e recíproco; enfim, de uma cultura de paz. Entre os dias 22 e 31 de outubro de 2015, foi formada uma grande comunidade composta por irmãos e irmãs de diferentes nações indígenas de diversas partes do globo, que conviveram praticando o respeito, a troca de experiências, a cooperação fraterna para a busca de soluções para problemas – compartilhados ou não – e a busca do bem-estar físico e espiritual de homens e mulheres. Assim, “A unidade na diversidade” poderia ser o outro título dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.

Os JMPI imprimem uma marca, trazem à tona, em âmbito mundial, a realidade da cultura indígena, e apresentam a força da união dos povos originários de todo o mundo. Reunidos em Palmas, capital do Tocantins, um estado brasileiro relativamente recente, os indígenas protagonizaram um grande evento; pretende-se que sejam realizadas novas edições em outros países.

Edições dos Jogos Nacionais dos Povos Indígenas

- **I Edição** – Goiânia/1996
- **II Edição** – Guaíra/1999
- **III Edição** – Marabá/2000
- **IV Edição** – Campo Grande/2001
- **V Edição** – Marapanim/2002
- **VI Edição** – Palmas/2003
- **VII Edição** – Porto Seguro/2004
- **VIII Edição** – Fortaleza/2005
- **IX Edição** – Recife e Olinda/2007
- **X Edição** – Paragominas/2009
- **XI Edição** – Porto Nacional/2011
- **XII Edição** – Cuiabá/2013



É preciso dizer que esse evento somente foi possível em função da importante trajetória dos Jogos dos Povos Indígenas (JPI), realizados desde 1996 em vários estados do Brasil, idealizados por Carlos Terena e organizados pelo ITC. Foi a realização dos eventos nacionais que forneceu as bases teóricas, técnicas e logísticas que um evento mundial, como os JMPI, demanda. A sua realização com o protagonismo indígena é um feito que, por si só, merece ser celebrado. A formação do Grupo Coordenador Mundial para os JMPI foi fundamental para que essa celebração fosse possível, na medida em que possibilitou que irmãos indígenas de todo o mundo se reunissem e decidissem conjuntamente as características do evento.

Igualmente, os objetivos estabelecidos desde os primeiros Jogos Nacionais de 1996 permanecem e se fortalecem a cada nova edição. Mais ainda, agora com os Jogos Mundiais, os objetivos consistem em *resgatar e valorizar os jogos esportivos indígenas, promovendo congraçamento e intercâmbio entre as nações participantes, fortalecimento da identidade cultural desses povos e confraternização digna e respeitosa dos índios com a sociedade não indígena.*

A parceria de várias instituições – nomeadamente o governo federal brasileiro, o governo do estado do Tocantins, a prefeitura de Palmas, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) –, orquestrada pelo ITC, foi fundamental para a consolidação dos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.

Mesmo após tantos anos de realização desses eventos, é preciso reconhecer que ainda há um longo caminho a ser trilhado, no sentido de dar a conhecer a diversidade, bem como garantir os direitos desses povos. Os Jogos Mundiais vêm dar continuidade a esse processo de garantia de direitos: eles são um espaço de formação e troca de experiências, de valorização cultural por meio da prática de seus jogos autóctones, de apresentação e comercialização dos produtos alimentícios e artesanatos



A tocha olímpica na cerimônia de abertura dos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

de cada uma das aldeias, de apresentação desses patrimônios culturais indígenas para outras nações e para não indígenas, e um espaço de discussão e posicionamento político.

A Vila dos Jogos Mundiais era composta por cinco espaços, onde foram desenvolvidas várias atividades. Então, optou-se por organizar esta publicação de forma a conduzir o leitor por esses cinco espaços, por sua razão de ser e pelos temas que lhes dão vida.

Na primeira parada, a *Arena dos Jogos*, o fio condutor será o debate sobre a importância do esporte para a constituição física e cultural das populações indígenas; nesta seção, serão apresentadas as modalidades praticadas durante os Jogos Mundiais. Na segunda, a *Oca da Sabedoria*, local onde se desenvolveu o Fórum Social Indígena, serão apresentados os debates políticos empreendidos durante o evento pelos povos e nações participantes. Em seguida, sob a inspiração da *Oca Digital*, serão tratados os temas referentes à transmissão da cultura indígena, o diálogo intergeracional e as novas tecnologias. O espaço da *Feira de Agricultura Familiar Indígena* abrirá uma perspectiva para tratar da relação dos indígenas com a terra, a sustentabilidade e o meio ambiente. A quinta e última parte, dedicada à *Feira de Artesanato*, permitirá uma reflexão sobre o modo de produção indígena e suas interfaces com os mercados não indígenas.

Tal como a própria organização do evento, fundamentada no protagonismo indígena, com esta publicação, buscou-se sintetizar as falas das diversas nações presentes, seja por meio da sistematização de certos temas discutidos durante os Jogos, seja por meio da transcrição de algumas declarações dos participantes. Nesse sentido, o texto busca refletir e sintetizar a grande complexidade do evento e, para isso, foram utilizadas contribuições de fontes diversas: frases de representantes ou participantes, ditas durante as palestras, entrevistas ou declarações espontâneas; informações do próprio *site* dos I JMPI (disponível em: <<http://www.jmpi2015.gov.br>>) ou de outras publicações; impressões de pessoas que contribuíram para a realização desse evento; e impressões do autor, um observador participante desses dez dias de intenso mergulho nas águas dessa comunidade global.

Nesse sentido, pode-se dizer que o resultado aqui apresentado foi construído por muitas mãos e muitos corações, os quais aparecerão de formas diferentes ao longo do texto, como um grande álbum de



Cerimônia de abertura dos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

família, para o qual todos puderam contribuir. Espera-se que esta publicação possa servir para divulgar uma iniciativa tão relevante como essa e contribuir para a consolidação dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas no calendário das grandes ações de salvaguarda do patrimônio cultural desses povos; uma iniciativa capaz de sensibilizar todos acerca da importância e da urgência das temáticas que os povos autóctones trazem em sua pauta para o debate na sociedade mundial.

A origem da palavra *simpatia* remete a “sentir juntos”. A forma como todos, indígenas e não indígenas, se relacionaram durante os I JMPI, e como receberam e compartilharam danças, cantos, competições e tantas outras manifestações das diferentes nações, permite dizer que todos foram movidos pela simpatia – todos os corações bateram em um mesmo ritmo. Durante os dez dias em Palmas, todos eram indígenas.



**Cerimônia de abertura dos I Jogos
Mundiais dos Povos Indígenas**

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

ARENA DOS JOGOS

“Cultura e jogos tradicionais são uma única coisa, pois é impossível pensar um separado do outro. Valorizar os jogos tradicionais pode significar para os jovens a valorização da própria cultura e idioma”.

(Representante dos povos indígenas da Rússia)

Os jogos tradicionais espelham a diversidade cultural que existe entre os povos originários e expressam um modo de vida que está intimamente associado ao seu meio ambiente – recursos vegetais, animais, hídricos e minerais – e com as diferentes etapas da vida – o percurso entre o nascimento e a morte, bem como todos os sentidos que são atribuídos a esses períodos da trajetória humana.

Os jogos fazem parte de um conjunto de significações culturais composto pelos rituais, pelas tradições orais, pelos ritos de passagem e pelas atividades cotidianas para a garantia da sobrevivência. É comum, por exemplo, que determinado jogo se inicie com algum tipo de ritual, que traz consigo fortes representações da cultura daquela nação indígena, ou que ele mesmo seja parte de algum ritual, o que deixa clara a relação entre essas práticas ditas esportivas e a cultura daquele



grupo. São, além disso, um instrumento de convivência, de estabelecimento de relações entre os membros de cada povo e entre os diferentes povos indígenas. Tanto é assim que muitas competições de corrida têm como percurso o caminho entre uma aldeia e outra, de forma a promover ações de integração e reciprocidade entre elas, bem como contribuir para o diálogo entre etnias. Também é por meio dos jogos que se constroem vários aspectos identitários do grupo: “Eu sou um Gavião, porque uso o arco e a flecha desta maneira”; “O povo Rikbatsa é um povo especialista em canoagem. É o meu lugar no mundo”.

Essas características conferem aos jogos tradicionais um caráter de *patrimônio cultural imaterial*, de acordo com os termos da Convenção de 2003 da UNESCO. Essa Convenção, dedicada à Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, foi um importante avanço na valorização da diversidade cultural e na



Pira Olímpica

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

salvaguarda das manifestações, por meio da criação das Listas de Manifestações que Necessitam de Salvaguarda Urgente e de Bens Representativos. Além disso, a Convenção de 2003 criou um Registro de Boas Práticas de Salvaguarda, visando a chamar atenção para experiências bem-sucedidas de salvaguarda dos bens de natureza imaterial dos diferentes povos. Pela Convenção de 2003, o valor dos bens imateriais é estabelecido pela própria comunidade, em função do papel que cada manifestação ocupa no contexto sociocultural daquele grupo, o que reflete o sentido de identidade e pertencimento que tais manifestações conferem aos seus participantes. Vale dizer que os jogos tradicionais são reconhecidos pela Convenção de 2003 da UNESCO no âmbito das “práticas tradicionais, rituais e eventos festivos” (UNESCO, 2003).

Ao promoverem a melhoria e a valorização da saúde e do desempenho físico pela prática de esportes, e ao possibilitarem a integração de mulheres e homens, adultos e jovens de diferentes povos, as práticas esportivas tradicionais abrem novas possibilidades para uma vida saudável e oferecem uma alternativa à dura realidade das drogas, do alcoolismo e da má nutrição a que os povos tradicionais também estão expostos.

Assim, os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas transcendem seu aspecto de aprimoramento físico e constituem um incentivo à alegria, ao compartilhamento de experiências, ao diálogo intergeracional, como um momento de convivência e fortalecimento dos laços sociais e, sobretudo, como demonstração da força dos povos originários. Não somente pela força vital demonstrada nas corridas dos atletas com toras de 100 quilos às costas ou nas lutas corporais milenares, mas pela persistência e pela luta dos povos por reconhecimento e melhoria da qualidade de vida. A força que chama atenção nesses jogos não é somente aquela expressa na capacidade de arremessar lanças a grandes distâncias ou de usar com extrema acuidade o arco e a flecha, mas a sutileza do espírito guerreiro que faz da união entre as várias nações indígenas uma flecha de fogo que, ao ser lançada ao céu, ilumina ao seu redor e apresenta a todos a grande beleza das nações indígenas, que aquece os corações com o que há de mais verdadeiro: *o respeito ao ser humano e o amor à terra.*

De manifestações culturais presentes em cada aldeia, os jogos tradicionais se transformaram nos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, a partir do sonho de duas crianças, dois meninos Terena, Carlos e Marcos, que, ao se tornarem homens, perseveraram na luta para concretizar esse sonho. Eles se tornaram os Irmãos Terena – irmãos não somente entre si, mas de todas as nações indígenas. Acreditaram e criaram as condições para que todo o mundo fosse capaz de sonhar junto e construir esta realidade: a valorização da cultura indígena, por meio da divulgação de seus jogos tradicionais.

Durante os vários dias de competições, atletas de renome mundial participaram de atividades de conagração com os povos indígenas e realizaram palestras e debates com o público em geral.

**Marcos Terena***Foto: © PNUD/Tiago Zenero*



Campeões olímpicos e paralímpicos do Brasil, bem como atletas do estado do Tocantins, tiveram a oportunidade de compartilhar suas experiências e de se encantar com as diferentes modalidades esportivas. Acima de tudo, esses expoentes testemunharam e deram testemunho da transformação que o esporte pode produzir na vida de qualquer pessoa. A importância da participação desses atletas está diretamente relacionada à inspiração aos mais jovens. Estar próximo dos ídolos e ouvi-los dizer “isso que você faz é incrível, é muito importante” ajuda a manter acesa a chama dos jogos tradicionais nos corações de seus praticantes. Além disso, o debate acerca da necessidade de planejamento, dedicação e disciplina, necessários para a evolução no esporte, abre para os jovens indígenas a perspectiva do estabelecimento de um plano de longo prazo, que, além de auxiliar no ganho de

competências físicas para as atividades esportivas, prepara os jovens para enfrentar outros desafios inerentes à vida em geral.

**Atletas durante
mesa-redonda**

Fotos: © Ministério do Esporte/
Roberto Castro



Os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas foram compostos por modalidades de *jogos de integração*, *jogos de demonstração* e um *jogo ocidental*, os quais são apresentados a seguir.¹

¹ As informações constantes sobre os jogos foram retiradas do site dos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (jmp2015.gov.br), fornecidos por seus executores durante o evento ou retiradas de pesquisas realizadas na internet.

Jogos de integração

“Os Jogos Indígenas têm o papel de unir os povos, de mostrar para a sociedade o valor dos povos indígenas e [que] cada um pode utilizar o esporte para conquistar algo. Então, esporte não é só rendimento, mas é aquilo que você pode conquistar por meio do esporte”.

(Fernando Fernandes, atleta paralímpico brasileiro)

ARCO E FLECHA

A prova é individual, e cada competidor tem o direito a três tiros. O alvo foi o desenho de um peixe. A distância entre o alvo e o arqueiro é de aproximadamente 30 metros. A contagem de pontos é feita a partir da soma de acertos em cada área do alvo.



Jovem durante competição de arco e flecha

Foto: © PNUD/Tiago Zenero



Foto: © PNUD/Tiago Zenero



Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro



Foto: © PNUD/Tiago Zenero



Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro





Fotos: © PNUD/Tiago Zenero



ARREMESSO DE LANÇA

Cada atleta tem o direito de realizar três arremessos durante a competição. A contagem de pontos é feita pela maior distância arremessada.

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

CABO DE FORÇA

Cada delegação é composta por duas equipes, uma feminina e uma masculina, contando com dez atletas. O sistema é de eliminatórias simples em todas as fases, até se chegar a uma equipe vencedora.

Foto: © PNUD/Tiago Zenero





Foto: © Ministério do Esporte



CORRIDA DE 100 METROS

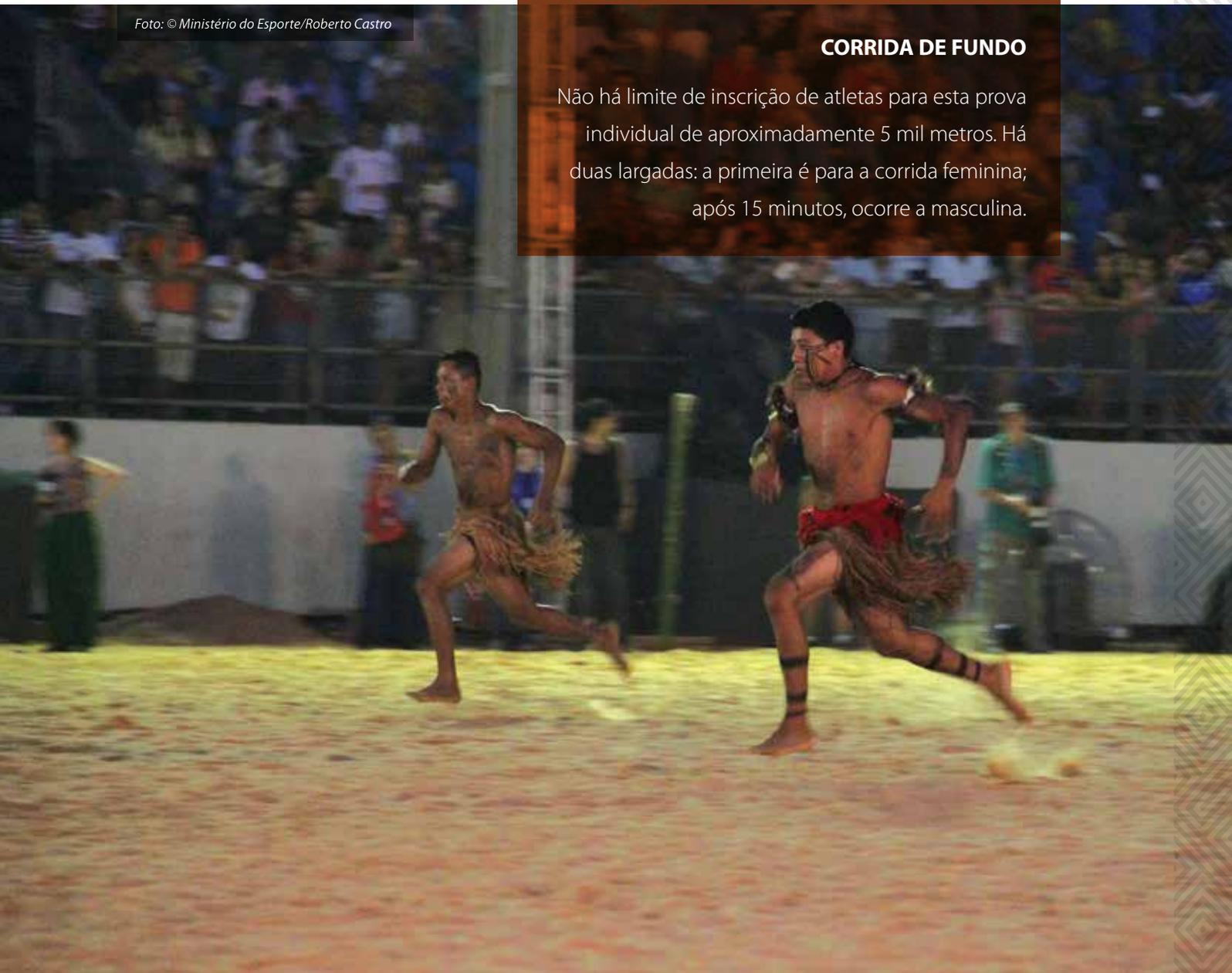
Cada delegação inscreve no máximo duas equipes, uma feminina e uma masculina, com cada uma delas composta por dois atletas. São classificados para as séries seguintes somente os primeiros colocados.

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

CORRIDA DE FUNDO

Não há limite de inscrição de atletas para esta prova individual de aproximadamente 5 mil metros. Há duas largadas: a primeira é para a corrida feminina; após 15 minutos, ocorre a masculina.



A group of indigenous men are participating in a log-carrying competition. They are shirtless, wearing blue shorts, and have white beads or feathers attached to their chests. They are carrying a large, heavy log on their shoulders. The background shows a crowd of spectators.

Foto: © JMPI

CORRIDA DE TORA

A group of indigenous women are participating in a log-carrying competition. They are wearing red and black traditional clothing. They are carrying a large, heavy log on their shoulders. The background shows a crowd of spectators.

Diferentes povos no Brasil mantêm a tradição de corridas de tora. Cada uma delas tem elementos particulares, que são representados pelas características das toras – o seu modo de escolha e de preparo –, bem como pelos rituais associados a todo esse processo. Conhecimentos tradicionais, crenças e rituais formam a base imaterial para que esta modalidade seja realizada. A competição é dirigida e observada por, pelo menos, cinco juízes. Cada nação indígena forma uma equipe com dez atletas e três reservas. Os competidores devem completar duas voltas na pista, dentro da arena. A largada ocorre sempre entre duas equipes, definidas previamente por sorteio. O sistema é de eliminatórias simples em todas as fases, até se chegar ao vencedor.

Foto: © PNUD/Tiago Zenero



CANOAGEM

Cada povo participa com uma canoa, cada uma delas com dois remadores. A dupla vencedora é identificada pela arbitragem a partir da passagem da ponta da proa da canoa pela linha demarcatória.

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

NATAÇÃO/TRAVESSIA

Cada delegação inscreve, no máximo, duas equipes, uma feminina e uma masculina, cada uma composta por dois atletas. A modalidade, porém, é disputada individualmente.

Foto: © Ministério do Esporte/ Francisco Medeiros



Jogos de demonstração

AKÔ

Prova de velocidade semelhante ao revezamento 4 x 400m do atletismo, é praticada somente pelos povos Gavião Parkatêjê e Kiykatêjê, originários do sul do Pará. Duas equipes de atletas (casados e solteiros) correm em círculo, revezando-se a cada quatro atletas e usando uma varinha de bambu, espécie de bastão que passa de mão em mão. Eles dão voltas até chegar ao último atleta. Ganha quem completar o revezamento em primeiro lugar.

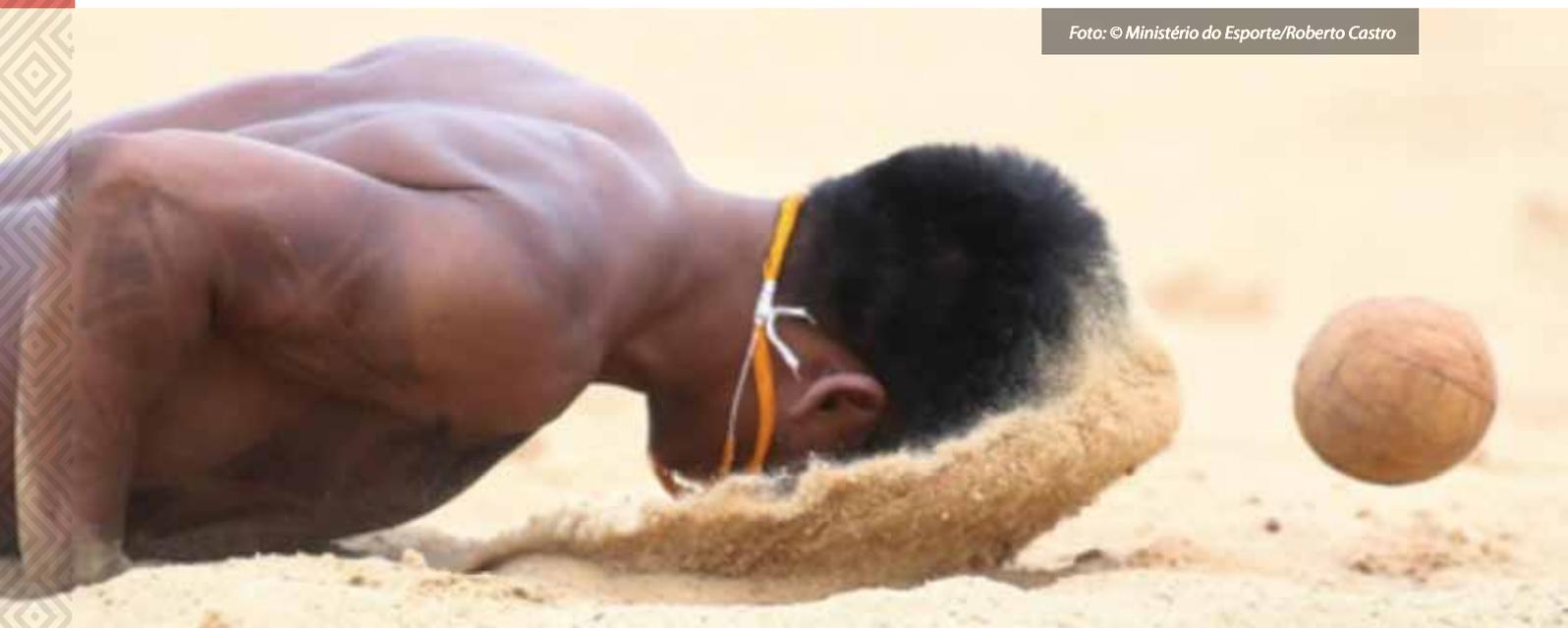


Foto: © JMPI

JIKUNAHATI (“FUTEBOL DE CABEÇA”)

O mito de fundação dos Paresis conta que o povo surgiu da fenda de uma pedra e que o seu ser superior, Azari, forneceu as orientações para a condução da vida daquela nação indígena. Dentre os vários ensinamentos, ele mostrou como jogar o futebol de cabeça. Na prática desta modalidade, é permitido somente o uso da cabeça para a movimentar a bola.

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro



XIKUNAHATY (ZIGUNAHITI)

É outra espécie de “futebol de cabeça”, com uma bola de látex fabricada pelos povos Paresi, Nambikwara e Enawenê Nawê, do Mato Grosso.

Foto: © Ministério do Esporte/Francisco Medeiros



KATUKAYWA

Espécie de jogo de futebol em que o “chute” é realizado com o joelho. É praticado pelos indígenas habitantes do Parque Nacional do Xingu, no estado do Mato Grosso.

JAWARI

Praticado exclusivamente pelos povos indígenas habitantes do Alto Xingu, região localizada no Mato Grosso. É jogado com 15 ou mais atletas de cada lado, em um campo aberto de tamanho similar ao do futebol. Cada time se posiciona agrupado. De forma simultânea, um atleta de cada lado sai à frente de sua equipe com uma flecha sem ponta, como que dançando para arremessá-la ou para evitar ser acertado pelo oponente que está à sua frente. Quem for acertado pela flecha do oponente “morre” e está fora do jogo, até restarem os dois últimos atletas. Quem “matar” o último oponente ganha o jogo. Esse evento é precedido pelo ritual do canto tradicional *yawari tulukay*, do qual as mulheres participam. No fim, todos dançam e cantam juntos. Os atletas recebem uma pintura corporal especial para evento, com barro branco *uêiki*.

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro



KAGOT

Praticada pelos povos Xikrin e Kayapó do Pará, assemelha-se ao *yawarí*. É uma atividade com flecha, jogada com 15 ou mais atletas de cada lado, em um campo aberto de tamanho similar ao do futebol. As flechas

são preparadas sem a ponta, de modo a não causar ferimentos ao atingir os guerreiros. O jogo se inicia com um guerreiro de cada equipe indo para o centro do campo – ambos com uma flecha na mão – e provocando o adversário. Um deles toma a iniciativa de procurar acertar o oponente com o lançamento da flecha. Ao “flechar” o oponente, ganha-se o ponto; errando, o arremessador se torna o alvo, e assim sucessivamente, até restarem apenas dois competidores dentro do campo. Ganha a equipe que “matar” o último guerreiro da equipe adversária. Após o evento, todos dançam e cantam juntos.

KAIPY

Exercício de tiro com flechas praticado pelos povos Gavião Parkatêjê e Kiykatêjê, do sul do Pará. As flechas são atiradas em um alvo preparado com folhas de palmeira, que são dobradas e fixadas no chão, na posição vertical, deixando a nervura central da folha apoiada sobre duas madeiras fixadas no solo. A uma distância entre 5 e 10 metros, o guerreiro atira em direção à folha de palmeira dobrada, buscando acertar a ponta da flecha rente à nervura, para que a flecha resvale e a folha funcione como se fosse uma mola. A flecha ganha impulso e vai em direção a um alvo fixo normal, pontuando nos acertos predeterminados. Em outra forma de competição desta mesma modalidade, tenta-se arremessar a flecha o mais longe possível.

RONKRÃ

Esporte coletivo praticado pelo povo Kayapó, do Pará. Semelhante ao hóquei sobre a grama, é jogado em um campo de tamanho similar ao do futebol. Os jogadores são divididos em dois times, com dez ou mais atletas de cada lado. De posse de uma borduna (espécie de bastão de madeira), cada atleta tem o objetivo de rebater uma pequena bola feita de coco, especialmente preparada para a modalidade. Os atletas de cada time se posicionam em fila dupla, de frente para o adversário, colocando o bastão no chão. A bola é posicionada no centro, para que uma das equipes dê a primeira rebatida, iniciando assim o jogo. Os atletas saem lateralmente de suas posições para defender, rebater para o campo oposto ou para o companheiro

**Ronkrã**

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

de frente, até chegar à linha de fundo e ultrapassá-la, marcando o ponto. De acordo com informações dos Kayapós, a prática do esporte começou a ser abandonada porque estava se tornando muito violenta, causando graves contusões nos competidores. Curiosamente, a modalidade tem muitas semelhanças com um dos esportes mais populares do Canadá, o lacrosse, que também tem origem indígena.

TIHIMORE

Jogo de arremesso com bola de marmelo, praticado pelas mulheres do povo Paresi, do Mato Grosso.

ZARABATANA

Arremesso de dardos com zarabatanas, praticado pelo povo Matis, originário do Amazonas.

KI-O-RAHI (Nova Zelândia)

Ki-o-rahi, uma brincadeira tradicional com bola, é jogada em um campo circular. É um jogo de contato e velocidade, cujo objetivo consiste em passar e segurar um *ki*, que é uma bola tecida em linho. Atualmente, crianças de várias escolas na Nova Zelândia aprendem essa brincadeira tradicional.

PELOTA P'URHEPECHA (México)

Os Purbépechas constituem um dos grupos étnicos do altiplano central do México. Há registros deste jogo em desenhos, como a "Ofrenda del Opeño", do município de Jacona, datada de 1500 a.C. A *pelota purhépecha* é praticada entre duas equipes com cinco jogadores cada, e tem como objetivo levar a bola até o fundo do campo. Uma versão deste jogo, apresentada durante os I JMPI, é realizada com a bola incandescente, o que traz mais perigo e beleza à disputa.

BOLA DO JOGO (Guatemala)

O jogo de bola pré-hispânico apresentado pela Guatemala tem sido praticado pelos Maias desde 1400 a.C. O jogo representa as forças opostas do universo. A bola em constante movimento remete ao movimento das estrelas e à força da criação. Este jogo teve um papel ritual político e possivelmente econômico, o que o coloca como uma das mais importantes modalidades de jogos nas culturas mesoamericanas.

As equipes são compostas por oito pessoas, e a bola deve ser batida usando-se o antebraço e o quadril; não se deve usar as mãos, a cabeça ou os pés. Em função de a bola ser de borracha sólida, confeccionada a partir do látex da seringueira, os participantes usam luvas longas, cintos e sandálias para proteger o corpo.

Bola do jogo

Foto: © PNUD/Tiago Zenero





Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

LUTAS CORPORAIS

Aipenkuit: praticado somente pelos homens do povo Gavião Kyikatêjê, do estado do Pará.

Huka-huka: praticado por homens e mulheres dos povos xinguanos.

Iwo: praticado pelo povo Xavante, do Mato Grosso.

Idjassú: praticado pelo povo Karajá, da Ilha do Bananal.



Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

Jogo ocidental

O futebol talvez seja o melhor exemplo de como o esporte pode unir os interesses de diferentes povos. Os indígenas também são apreciadores de um bom futebol e se dedicam a esta modalidade. Nos JMPI, foram realizadas partidas de futebol feminino e masculino. As partidas são estabelecidas a partir das regras em vigência na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sendo que cada um dos tempos dura 30 minutos.



Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro



Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro



Foto: © Ministério do Esporte

OCA DA SABEDORIA

A Oca da Sabedoria foi o espaço da reflexão, do debate e da política nos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Neste espaço foi realizado o Fórum Social Indígena, no qual os representantes dos vários povos originários presentes se manifestaram sobre sua vida e seu futuro, provocaram reflexões e definiram posicionamentos políticos. A Oca da Sabedoria também recebeu apresentações culturais das diversas nações, lançamentos de livros, palestras realizadas por atletas, artistas e intelectuais, bem como palestras institucionais. Durante os dez dias de eventos, as palestras, mesas-redondas e rodas de diálogo abordaram diversos temas, tais como: “A importância da cultura alimentar tradicional indígena na promoção da soberania e segurança alimentar e nutricional”; “Saúde da mulher indígena e juventude indígena”; “Roda de diálogos sobre sustentabilidade e mudanças climáticas: elaboração da Declaração dos Povos Indígenas para a Conferência



sobre Mudanças Climáticas (COP 21)”; “Ensino superior e a Universidade Intercultural Indígena”; “Encontro com atletas brasileiros, experiências e conquistas”; “A inserção dos povos indígenas e a cultura tradicional na modernidade”; “Avanços das mulheres indígenas, seus direitos e saberes tradicionais”; “Direitos humanos, povos indígenas e relatos de experiências do território de proteção para crianças e adolescentes indígenas”.

Pode-se dizer que este foi o espaço da voz, no qual indígenas e não indígenas puderam apresentar questões, emitir posicionamentos pessoais, comunitários, institucionais e sociais. Ficou evidente que há muito a ser dito, há muito a ser apreendido a partir das múltiplas realidades apresentadas e há muito ainda por ser conquistado.

A dinâmica política de garantia dos direitos indígenas tem ganhado complexidade e ido muito além das políticas sociais, culturais e educacionais. Ela tem abarcado de forma significativa as políticas de desenvolvimento dos países – ambientais, fundiárias, sanitárias, de propriedade intelectual –, estabelecidas pelos governos, que têm incidido diretamente no modo de vida indígena e na relação entre indígenas e não indígenas. O acompanhamento de todas essas temáticas, considerando a sua grande segmentação em termos de estrutura dos governos, bem como sua dinamicidade, em função dos vários atores envolvidos na produção de políticas nos âmbitos federal, estadual e municipal, tornou-se um grande desafio para as lideranças indígenas. Cada vez mais se torna urgente que os indígenas sejam capazes de se apresentar frente aos poderes constituídos, com vistas a negociar direitos e papéis. Para tanto, é premente a necessidade de capacitação, formação e estudo. Tendo em mente esse desafio, tem aumentado o número de indígenas que conquistam diplomas de cursos superiores ou de pós-graduação, bem como tem-se criado universidades indígenas em vários pontos do mundo. Nesse sentido, o Fórum Social Indígena serviu como um importante momento de promoção do diálogo, atualização de conhecimentos e exercício do protagonismo indígena.

Os debates e as reflexões acerca dos temas discutidos durante o Fórum são apresentados ao longo desta publicação, inseridas na apresentação dos espaços do evento e em acordo com as características e as especificidades de cada espaço.

São apresentados aqui os povos presentes no evento e que se colocaram frente uns aos outros na Oca da Sabedoria, onde se apresentaram, trouxeram contribuições e experiências, conheceram e se reconheceram nos dilemas enfrentados por outros povos e, por fim, fizeram ouvir sua voz.

DELEGAÇÕES **BRASILEIRAS**²

ASSURINI (Pará)

Residentes na Terra Indígena (TI) Trocará, no município de Tucuruí, têm uma população de 516 pessoas (BRASIL, 2012). Entre os Assurini, o mundo sobrenatural é dividido em duas esferas: a de *Mahira* (o Grande Criador) e o *Sawara* (o Espírito da Onça). Suas atividades xamanísticas são intensas e de grande importância, sendo o principal evento a Festa do Tabaco. A pintura varia de acordo com o ritual, mas o mais comum é a pintura preta no corpo, o rosto vermelho de urucum e uma faixa preta abaixo dos olhos de seus integrantes.



Representantes do povo Assurini

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

2 As informações apresentadas sobre as delegações indígenas brasileiras foram retiradas de: a) "Os povos indígenas participantes dos IX Jogos", de Beleni Saléte Grando, in: *Brincar, jogar, viver – IX Jogos dos Povos Indígenas*. b) <http://indigenas.ibge.gov.br>; c) http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/10/relatorio_2010.pdf; d) <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>.



Representantes do povo Bororo

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

BORORO BOE (Mato Grosso)

Na língua deste povo, o termo *bororo* significa “pátio da aldeia”, devido à tradicional disposição circular das casas que mantém o pátio no centro. Seus integrantes residem em seis aldeias (Teresa Cristina, Jarudore, Merure, Perigara, Sangradouro/Volta Grande e Tadarimana), com um total de 1.686 pessoas (BRASIL, 2012). Adornam-se com longas penas de arara que formam cocares, saias e braceletes. A pintura corporal é feita de urucum.

No rosto, o desenho feito de argila, pó de carvão, urucum e seiva mostra o clã de origem do indígena.

Fizeram parte da delegação dos I Jogos Indígenas 46 pessoas, sendo 25 homens e 21 mulheres.

“Esse é fato muito importante, por poder fortalecer nossa cultura não somente na aldeia, mas também mostrar para os brancos a nossa cultura. A troca de experiências com as pessoas de outros países também aumentou o leque de nossa sabedoria”. (Membro da etnia Bororo Boe, Brasil)



Representantes do povo Rikbaktsa

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

RIKBAK TSA (Mato Grosso)

A autodenominação *rikbaktsa* significa “os seres humanos”. Residentes em três Terras Indígenas (Erikpatsa, Japuira e Escondido), todas no município de Juína, são conhecidos regionalmente como Canoeiros, pela habilidade com o uso de canoas. Também são chamados de “orelhas de pau” porque usam enormes botoques, feitos de caixeta e introduzidos nos lóbulos alargados das orelhas.

Seus integrantes adornam-se com alargadores nos lóbulos das orelhas e com cocares de penas brancas e amarelas. As mulheres usam vários colares feitos de sementes, e alguns homens usam brincos de penas no nariz.

De acordo com a Funasa (2010), a população atual desse grupo é de 1.324 pessoas, das quais 50 participaram dos I Jogos Mundiais, sendo 35 homens e 15 mulheres.

“É uma grande alegria poder realizar os Primeiros Jogos no Brasil, poder conhecer as culturas de outros povos. A maioria são jovens que estão participando pela primeira vez de um evento como este”. (Membro da etnia Ritkbaktsa, Brasil)

JAVAÉ ITYA MAHĀDU (Tocantins/Goiás)

Com um total de 1.456 pessoas (FUNASA, 2009), este grupo está dividido em 13 aldeias ao longo do Rio Javaés, na Ilha do Bananal, compartilhando a região com mais dois povos, os Xambioás e os Karajás, com apenas uma das aldeias localizada no interior da ilha.

O nome *javaé* é desconhecido por historiadores e antropólogos. Seus integrantes também se autodenominam Itya Mahãdu, “o povo do meio”, por morarem no nível intermediário do cosmos, entre o subaquático e o celeste.

Ao todo, 60 pessoas participaram da delegação, sendo 40 homens e 20 mulheres.

Costumam usar amarrações de tecido vermelho nas pernas, e o grafismo corporal é feito de jenipapo. Os cocares coloridos têm diferentes formas, enquanto os colares são de miçanga e formam os principais grafismos da nação. Em alguns rituais, os corpos são adornados de algodão ou penas brancas.

“A integração é o aspecto mais importante, pois permite se aproximar dos parentes de outros locais, pois o Brasil é grande e nem sempre temos oportunidade de fazer contato uns com os outros. Quebrar protocolo de preconceito com relação à cultura indígena”.

(Membro da etnia Javaé Itya Mahãdu, Brasil)



Criança Javaé

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro



Representante Guarani Kaiowá

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

GUARANI KAIOWÁ (Mato Grosso do Sul)

Existem 31 mil indígenas Guarani-Kaiowás (JMPI, 2015a), residentes em 33 pequenas Terras Indígenas, quase todas descontinuadas. A relação desse povo com a terra é espiritualmente muito forte, chamada de *tekoha*, que significa o “lugar de ser”.

A denominação *guarani* se refere ao seu território, que vem do termo, *ka’a* o *gua*, os “pertencentes da floresta alta/densa”. Eles se autodenominam Pa’-Tavyterã, que significa “habitante do povo da verdadeira terra futura”.

Além da pintura corporal, os Guarani-Kaiowás tecem roupas de algodão ou juta com miçangas. Cada vestimenta tem o grafismo do clã do indígena. Suas principais atividades são as rezas e o grupo de canto das crianças.



Representantes Kaiapó

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

KAYAPÓ MEBENGOKRE (Pará e Mato Grosso)

Eram chamados por grupos indígenas vizinhos de *kaiapós*, que significa “aqueles que se assemelham a macacos”. Porém, esse grupo se autodenomina Mebêngôkre, “os homens do buraco ou lugar d’água”. De acordo com a Funasa (2010), a nação era formada por 8.638 indígenas, que viviam em novas Terras Indígenas. Nos I Jogos Mundiais, participaram 30 homens e 20 mulheres deste grupo.

Os homens se adornam com cocares de penas de arara, e as mulheres com longos colares de miçangas, braceletes e pulseiras.

“Os Jogos não fortalecem somente o esporte, mas promovem a confraternização entre indígenas, brancos, negros. Incentiva os jovens a conhecer e praticar os cantos, as danças tradicionais e os jogos tradicionais”. (Membro da etnia Kayapó-Mebêngôkre, Brasil)

KAIINGANG

A denominação *kaingang* foi dada pelos próprios indígenas do grupo e significa “povos que habitam a floresta”. Atualmente, a etnia tem cerca de 33.064 indivíduos (Funasa, 2009), que ocupam mais de 30 Terras Indígenas nos seguintes estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Adornam-se com roupas feitas de tecido de urtiga brava e usam grafismos que remetem à cosmologia Kaingang.

KAMAYURÁ (Mato Grosso)

Esse grupo vive no Parque Nacional do Xingu, distribuído em três aldeias (Morená, Jacarezinho e Kamayurá), com um total de 467 pessoas, conforme dados de 2011 do Instituto de Pesquisa Etno Ambiental do Xingu (Ipeax). As mulheres Kamayurá se adornam com colares de miçangas, amarrações nas pernas, e pinturas corporais e faciais feitas com jenipapo e urucum. Por outro lado, os homens pintam os cabelos com urucum, usam colares de caramujo, cintos de miçanga e pintam o corpo com jenipapo.



Representantes do povo Kamayurá

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro



Representante do povo Karajá

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

KARAJÁ (Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins)

O nome deles foi atribuído por outros grupos, não se sabe qual, mas significa, em Tupi, “macaco grande”. Eles se autodenominam Iny, “nós”. Em 2010, eram 3.198 pessoas residindo em Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins, de acordo com a Funasa. A delegação contou com 50 pessoas, sendo 25 mulheres e 25 homens.

A pintura corporal é diferente para homens e mulheres e varia de acordo com a idade. Utilizam-se do sumo do jenipapo, da fuligem do carvão e do urucum. Eles também usam plumarias elaboradas nos cocares, como *lori lori*, e brincos.

“Para os jovens é muito importante conhecer outras culturas, essa é a primeira vez que eles participam e eles estão aprendendo a conhecer e valorizar outras culturas e fortalecer os laços com outros parentes. Muitos jovens não querem mais se pintar, e os Jogos ajudam a mostrar aos jovens o valor dessas tradições”.



Representantes do povo Kyikatejê

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

KYIKATEJÊ/PARAKATEJÊ (Pará)

Esse grupo se autodenomina *parakatejê*, que significa “povo de jusante” (que segue o fluxo do rio) e *kyikatejê*, o “povo de montante” (lugar da nascente do rio). O nome *Gavião* foi dado por viajantes, que o descreviam como guerreiros e combativos. Os dados do Siasi/Sesai, de 2012, contabilizam 627 pessoas, que vivem na TI Mãe Maria (BRASIL, 2012).

Os Kyikatejê / Parakatejê se adornam de acordo com a família ou com a festa. Os homens utilizam um adereço na cabeça, feito de palha, e as mulheres costumam usar brincos de pena e saiotes de miçanga. Os desenhos da pintura corporal e os elementos que compõem sua indumentária podem ser mais trabalhados de acordo com o contexto. Existem festas em que os integrantes usam fantasias de palha para representar os seres das águas, e eles também se cobrem com pequenas penas de pássaros fixadas no corpo com seiva.

KANELA (Maranhão)

Remanescentes do povo Timbira, o nome *kanela* era utilizado pelos sertanejos para identificar os habitantes daquela região. Autodenominam-se *ramkokamekrá*, que significa “índios do arvoredo de almecega”, mas também aceitam o nome *kanela*. O grupo é composto por 2.175 pessoas, de acordo com os dados do Siasi/Sesai, que habitam duas Terras Indígenas nos municípios de Fernando Falcão e Barra do Corda (BRASIL, 2012). A delegação presente nos I Jogos Mundiais contou com 50 pessoas, sendo 30 homens e 20 mulheres.

Costumam usar urucum no corpo e, às vezes, carvão, que, quando fixado pelo látex e aplicado ordenadamente, significa uma manifestação familiar. A tintura azul-escuro do jenipapo é feita exclusivamente em ocasiões cerimoniais, nunca no dia a dia. Em cerimônias solenes, eles também se ornamentam com penas de pato doméstico – antigamente, usavam penugem de gavião –, coladas com a resina de almecega e aplicação de urucum em padrões precisos.

“Estamos aqui não só para mostrar nossa cultura, que é muito rica, mas também para mostrar que os indígenas são capazes de dominar um esporte ocidental, como o futebol. Além disso, o esporte ajuda a melhorar nossa identidade como indígena e afastar de problemas, como as drogas”. (Membro da etnia Kanela, Brasil)



Representantes do povo Kuikuro

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

Fonte: Ministério do Esporte, Heberio Castro

KUIKURO (Mato Grosso)

Os Kuikuros vivem no Parque Nacional do Xingu, na região do Alto Xingu. Estão divididos em três aldeias: Ahukugi, Lahatuá, e a principal, Ipatse. Em 2011, um levantamento do Ipeax contabilizou 522 indivíduos nessa população. Sua delegação nos Jogos contou com 50 pessoas, sendo 38 homens e 12 mulheres (IPEAX, s.d.).

Os Kuikuros receberam esse nome do etnólogo e antropólogo alemão Karl von den Steinen (1855-

1929), que tentava registrar os falantes da língua *karib* entre os moradores da aldeia Kuhikugu. A autodenominação, no entanto, é sempre dada pelo nome do local ou aldeia, seguido pelo termo *ótomo*, que significa “donos ou mestres”; dessa forma, *Ipatse ótomo* corresponde a “donos de Ipatse”.

Os homens se adornam com cintos de miçangas e colares de caramujo. Em época de festas, amarram linhas de lã nas pernas. As mulheres usam colares de miçanga com várias voltas, cintos de buriti e um acessório de palha para cobrir as partes íntimas, chamado *uluri*. A pintura corporal dos Kuikuros é feita com urucum e jenipapo.

“Há pessoas que não acreditam que existem índios iguais aos do Alto Xingu, que mantêm vivas as tradições e que temos pouco contato com os homens brancos. E, para os jovens, é muito importante a prática do esporte na aldeia”.

(Membro da etnia Kuikuro, Brasil)

KURA-BAKAIRI (Mato Grosso)

Esta nação se autodenomina *kura*, que significa “gente, ser humano por excelência”. O nome dado a eles, *bakairi*, tem origem desconhecida. São ótimos contadores de histórias e se destacam pela pintura corporal. Os dados do Siasi/Sesai apontam para a existência de 930 pessoas no grupo, que residem nos municípios de Paranatinga, Santana e Nobres (BRASIL, 2012).

Participaram dos I Jogos Mundiais 41 homens e 7 mulheres dos Kura-Bakairis.

“É importante poder mostrar para os não indígenas que não somos todos iguais. Cada povo tem seus costumes e sua cultura. Para os jovens, é muito importante fazer novas amizades e conhecer outras culturas – isso auxilia a valorizar a própria cultura”.

(Membro da etnia Kura-Bakairi, Brasil)

MAMAINDÊ/NAMBIKWARA (Rondônia e Mato Grosso)

O nome *nambikwara* foi dado devido aos furos que os integrantes desse grupo têm nas orelhas. Outros nomes são encontrados para as divisões internas desse povo. Os Nambikwaras do norte são conhecidos como Mamaindês, os Nambikawaras do sul como Halotésus, e os do Vale do Guaporé são conhecidos como Sararés. Em 2010, viviam nos estados de Rondônia e Mato Grosso, em 11 aldeias, com um total de 1.950 pessoas (FUNASA, 2010).

Nos I Jogos Mundiais Indígenas, estiveram presentes 50 pessoas, sendo 30 homens e 20 mulheres dessa nação.

“É uma grande oportunidade de poder conhecer outros parentes do Brasil e de outros países, trocar experiências e conhecer a cultura deles”. (Membro da etnia Mamaindê/Nambikwara, Brasil)

MATIS (Amazonas)

O nome *matis* foi dado por funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai), que o atribuíam aos Matsés, que significa “ser humano”. Na sua própria língua, eles se autodenominam Mushabo e Deshan Mikitbo, nomenclatura que diferencia os grupos dentro do mesmo povo, entre tatuados e “gente da pupunha”. Na TI do Vale do Javari residiam, em 2010, 390 pessoas dessa nação (FUNASA, 2010).

Os ornamentos desse povo são uma forma de identidade, que define origem, gênero e idade. Entretanto, com o crescente contato com não indígenas, alguns elementos de suas vestimentas acabaram em desuso. Ainda assim, os Matis guardam na memória a ordem cronológica das práticas. A perfuração e o alargamento do lóbulo, por exemplo, seria a primeira etapa, por volta dos 5 anos idade. Depois, vêm a perfuração do nariz, a abertura do septo e o furo do lábio inferior. Os homens adultos ainda colocam outro enfeite no lábio superior, tatuam e furam as bochechas, enquanto os mais velhos tatuam a testa.



Representante do povo Matis

Foto: © PNUD/Tiago Zenere

PARESÍ (Rondônia e Mato Grosso)

Residentes em Rondônia e no Mato Grosso, e divididos em dez aldeias, em 2012, o povo Paresí tinha uma população de 1.955 indivíduos, segundo o Siasi/Sesai (BRASIL, 2012). O nome *paresí*, apesar de não pertencer ao dialeto dessa nação, era utilizado no século XIX para se referir a qualquer grupo indígena falante da língua *aruak*. Eles se autodenominam Haliti, que significa “gente” ou “povo”, de acordo com o contexto.

Os homens Paresís usam um saiote de algodão, cocares de arara azul, amarrações com penas nos joelhos e muitos colares. As mulheres usam um arco de penas coloridas, saias de algodão tingido de amarelo e brincos de pena. A pintura para ambos é feita de jenipapo e urucum.



Representante do povo Paresí

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

PATAXÓ (Bahia e Minas Gerais)

Os Pataxós estão divididos entre o extremo sul da Bahia e o norte de Minas Gerais, com cerca de 11.833 indígenas, de acordo com a Funasa (2010).

O nome *pataxó* é a própria autodenominação do grupo. Para muitos anciãos, significa “água da chuva que bate na terra”.

Usam sementes de pau-brasil nos bustiês, colares, pulseiras, cintos e saiotes, que também ganham elementos de palha de buriti e algodão. A pintura é feita de urucum, jenipapo e argila amarela. No rosto, é feito um grafismo de acordo com a família do indígena.



Representantes do povo Pataxó

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

“Essa é uma forma de dizer ao mundo que nós estamos aqui com nossas brincadeiras, nossa forma de viver, nossa forma de nos relacionar com a terra, o respeito que temos um pelo outro. Os jogos nos fortalecem espiritualmente também, porque em cada canto que a gente faz, buscamos uma força espiritual, e há essa troca da energia entre as nações indígenas, e isso nos fortalece como povo no mundo inteiro. É um grande ritual”. (Membro da etnia Pataxó, Brasil)

TAPIRAPÉ (Mato Grosso e Tocantins)

A origem do nome *tapirapé* é desconhecida. Esse povo também é conhecido como Apyãwa. São 655 pessoas, que residem em três Terras Indígenas (FUNASA, 2010). Participaram dos I Jogos Mundiais 30 homens e 20 mulheres do grupo.

A pintura dos Tapirapés é realizada basicamente com jenipapo. Dependendo da ocasião, para identificar as pessoas, eles pintam todo o corpo e desenhavam traços e círculos na face.

“Aprender sobre a diversidade do povo brasileiro e também de outros países. Além disso, esse é um momento importante para divulgar nossa cultura para o mundo inteiro. Para os jovens, é muito importante poder aprofundar no conhecimento de outras culturas”. (Membro da etnia Tapirapé, Brasil)



Representante do povo Terena
Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

TERENA (Mato Grosso do Sul)

Em 2009, eram 24.776 indígenas desta nação, habitando 16 TIs no Mato Grosso e em São Paulo. Eles se autodenominam Terena, e esse nome está em registros históricos sem derivações. Nos I Jogos Mundiais, participaram 50 pessoas, sendo 30 homens e 20 mulheres Terenas (FUNASA, 2009).

Os homens se adornam com saiotes e cocares feitos com penas de ema, e as mulheres usam roupas de juta, com grafismos nas cores tradicionais. O vermelho representa o sangue, o preto simboliza o luto, e o cinza, a liberdade.

“Todos os indígenas que estão participando estão orgulhosos do Brasil ter sediado os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Estamos também tendo a oportunidade de conhecer muitas outras culturas. Se não fossem os Jogos Nacionais e Mundiais, nossa cultura já teria se acabado, porque, com os Jogos, os jovens são incentivados a usar nossos trajes típicos, nossas pinturas e a cantar nossos cantos”. (Membro da etnia Terena, Brasil)

WAIWAI (Amazonas, Pará e Roraima)

O nome *waiwai* é utilizado para identificar o grupo como um todo, mas dentro dele existem as subdivisões Karapawyana, Katuenayana e Xerewyana. Em 2009, a nação tinha 2.914 integrantes, habitando três Terras Indígenas (JMPI, 2015b).

Eles se adornam com cocares feitos com penas de arara-azul, saiotes e pulseiras de sementes. A pintura corporal é feita com jenipapo e algodão. O urucum é usado apenas no rosto dos indígenas.

XAVANTE (Mato Grosso)

Esse grupo se autodenomina A'uwe, que significa “gente”. O nome *xavante* foi dado por homens brancos, para diferenciá-los de outros indígenas da língua *acuen*. Habitam dez TIs e contam com uma população total de 15.315 pessoas, de acordo com os dados da Funasa (2010).



Representantes do povo Xavante
Foto: © PNUD/Tiago Zenero

Os Xavantes se adornam com pinturas corporais feitas de urucum e carvão, e cada desenho simboliza uma situação, como tristeza, felicidade, casamento ou guerra. Eles usam poucos adereços, como o brinco de bambu e o colar com uma pena atrás.

“Além da preservação da cultura, com este grande evento, a nossa questão do índio passa a ficar visível para a sociedade, para o governo do Brasil e de outros países, pois os indígenas sempre ficaram alijados das discussões e dos processos decisórios em nível do país. Por isso, é importante nos unirmos para dizer o que sentimos e queremos”. (Membro da etnia Xavante, Brasil)



Representantes do povo Xerente

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

XERENTE (Tocantins)

O nome *xerente* foi dado por homens brancos que tentavam diferenciar este de outros grupos da região, mas a sua autodenominação é Akwe. Os dados da Funasa (2010) apontam para a existência de 3.017 pessoas dessa nação, que vivem em duas TIs. Nos Jogos, sua delegação contou com 50 representantes, sendo 30 homens e 20 mulheres.

Famosos pelo trabalho com capim-dourado, os Xerentes produzem diversos tipos de artesanato com esse material: cocares, saias, bolsas, brincos, colares e pulseiras. É assim

também que eles se adornam em dias de festa. Sua pintura corporal é feita, basicamente, de jenipapo e urucum. Eles utilizam o algodão apenas nas festividades mais importantes.

“Os Jogos dão uma visibilidade internacional à questão dos indígenas. Além dos jogos, estamos tendo a oportunidade de debater outros temas no Fórum – por exemplo, a agricultura familiar indígena, a questão da comercialização dos nossos produtos, os aspectos culturais de apresentação de nossas pinturas corporais... Os Jogos têm um significado muito amplo”. (Membro da etnia Xerente, Brasil)

DELEGAÇÕES INTERNACIONAIS

ARGENTINA

Nos Jogos, a Argentina foi representada por 60 pessoas, sendo 46 homens e 14 mulheres. As nações que compuseram sua delegação foram: Mbya Guarani, Tonocoté, Con, Diaguíta, Calchaqui e Mocovi.

“Participar dos Jogos Indígenas é muito importante, porque apoia nossas lutas e reivindicações históricas. Fundamentalmente nas questões culturais, eu acredito que os Jogos têm o poder de resgatar nossos jogos e esportes tradicionais, ajudam muitíssimo no fortalecimento de nossas culturas e também para o entendimento do restante da sociedade a respeito das nossas culturas e idiossincrasias”. (Representante dos povos indígenas da Argentina)

BOLÍVIA

A delegação boliviana contou com a participação de 50 pessoas, sendo 25 mulheres e 25 homens. As nações que compuseram essa delegação foram: Quechua, Aymará e Guarayo.

“É um grande privilégio poder participar de um Mundial desta categoria pela primeira vez, porque não é todos os dias que temos a oportunidade de nos apresentar a milhões de pessoas, como estamos fazendo aqui”. (Representante dos povos indígenas da Bolívia)



Representantes da Bolívia

Foto: © PNUD/Tiago Zenero



Representantes do Canadá

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

CANADÁ

O país foi representado pelos seguintes povos: Cree, Coast Salish, Kwakwaka'wakw e Mohawk, com um total de 56 pessoas pertencentes à delegação.

"Vim ao Brasil, aos Jogos, para conhecer a verdade. No Canadá, a situação é grave em função da questão do território, do direito à terra, e no Brasil também é. Vim aos Jogos encontrar indígenas, para entender sua situação real". (Representante dos povos indígenas do Canadá)



Representante do Chile

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

CHILE

A delegação chilena foi composta por dez pessoas, sendo cinco mulheres e cinco homens, todos eles do povo Mapuche.

"É importante que os líderes tradicionais compreendam que este é um espaço liderado por indígenas, criado por indígenas, idealizado por indígenas com o apoio do governo e de organismos internacionais, mas concebido pelos povos indígenas. É incrível a diversidade de culturas que convergem neste lugar. Temos pessoas de todos os continentes. É importante também

para olhar para o futuro e ver como nos relacionamos e como podemos fortalecer este espaço, fomentá-lo e difundi-lo, de tal forma que, no futuro, todos queiram participar também, todos os atletas se sintam orgulhosos de vir aqui e dizer ‘somos todos indígenas’. Pertencemos a diferentes países, mas nossa identidade cultural está refletida e fortalecida com este evento”.

(Representante do povo Mapuche, Chile)

COLÔMBIA

A delegação colombiana foi composta por 22 pessoas, sendo 14 homens e oito mulheres, das seguintes nações: Uitoto, Wayuu, Inga Kamentsa, Ticuna, Yukpa, Cubeo, Pijao, Yacona, Msak, Bari, Arhuaso, Carapana, Guanano, Cocama, Sikuni, Zeno, Kankuamo e Bora.

“Venho para aprender, para me relacionar com os irmãos do Brasil e ver como estamos em relação aos temas de educação, saúde e, principalmente, com relação aos jogos autóctones, porque são jogos milenares e ancestrais que refletem nossa cosmovisão, já que cada povo indígena tem seu sentido de vida, sua tradição. Então, essa é uma maneira de nos reconhecermos como povos irmãos de todo o mundo e, também, um reconhecimento internacional”. (Representante dos povos indígenas da Colômbia)



Representantes da Colômbia

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

COSTA RICA

A delegação da Costa Rica foi composta por seis pessoas, sendo quatro homens e duas mulheres dos povos Brunka, Bribri-Cabagra, Ngobe, Bribri-Talamanca e Huetar.

“Os Jogos foram importantes para dar visibilidade aos povos originários. A possibilidade de compartilhar com pessoas de outras culturas permite compartilhar a si próprios, pois às vezes os próprios indígenas não conhecem outros povos”. (Representante dos povos indígenas de Costa Rica)

EQUADOR

A delegação equatoriana foi composta por sete pessoas, sendo três homens e quatro mulheres.

“É a primeira vez que estamos tendo um encontro entre diferentes povos em nível mundial e conhecendo a cultura de cada um deles, suas vivências e seus modos de vida. Não há dinheiro que pague esta experiência”. (Representante dos povos indígenas do Equador)



Representante dos Estados Unidos

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

ESTADOS UNIDOS

A delegação norte-americana foi composta por 16 pessoas, sendo oito mulheres e oito homens, pertencentes às seguintes nações: Hidatsa, Apache / Comanche, Crow, Navajo, Northern, Cheyenne, Lummi e Sault Ste. Marie.

“A importância da participação para nós é poder fazer parte da história e, junto com todos os povos indígenas, celebrar quem somos, o nosso povo. Eu acredito que as experiências fora da reserva indígena são relevantes e espero que ajude a expandir conhecimentos. Eu acho que é uma boa experiência educacional para nossos jovens e espero que esta seja uma experiência de mudança de vida para eles”. (Representante dos povos indígenas dos Estados Unidos)



Representante da Etiópia

Foto: © Ministério do Esporte/Francisco Medeiros

ETIÓPIA

A delegação etíope, composta por três homens, veio aos I Jogos Mundiais representando as seguintes nações: Kumbaata, Tigray, Oromo, Amahra, Gurage, Welayeta, Sidamo, Afara e Hamer.

“Este evento é maravilhoso, por permitir que pessoas diferentes possam conviver: cada povo indígena, cada país com seus valores, cultura e suas línguas. É uma oportunidade incrível”. (Representante dos povos indígenas da Etiópia)



Representantes das Filipinas
Foto: © PNUD/Tiago Zenero

FILIPINAS

As nações que compuseram a delegação filipina (dez pessoas) foram: Igorot, Aeta e Dumagat.



Representante da Finlândia
Foto: © PNUD/Tiago Zenero

FINLÂNDIA

A delegação finlandesa foi composta por dez pessoas, sendo seis homens e quatro mulheres, todos pertencentes ao povo Sami.

“São muitas nações indígenas vindas de muitos lugares distintos do mundo, e essa é uma grande oportunidade de compartilhar nossas culturas”.
(Representante do povo Sami, Finlândia)

GÂMBIA

A delegação da Gâmbia foi composta por duas pessoas.

GUATEMALA

A delegação guatemalteca foi composta por sete pessoas, sendo seis homens e uma mulher, pertencentes às nações Ladino e Achi.

“Isso é muito importante para a Guatemala poder compartilhar com outros 24 países a nossa cultura, e estamos orgulhosos por apresentar a cultura de nosso país a todos”. (Representante dos povos indígenas da Guatemala)



Representante Guatemala

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

GUIANA FRANCESA

A delegação da Guiana Francesa foi composta por 44 pessoas dos seguintes povos: Kali’na, Lokono, Wayana, Teko, Wayapi e Pahikweneh.



Representantes da Guiana Francesa

Foto: © PNUD/Tiago Zenero



Representantes do México
Foto: © PNUD/Tiago Zenero

MÉXICO

A delegação mexicana contou com 60 pessoas, sendo 34 homens e 26 mulheres, das seguintes nações: Tarahumara, Tepehuano, Guarijío, Tzotzil, Tzeltal, Maya, Totonaca, Huasteco, Wurrárica, Nahua, Chontal, Purhépecha e Mixteco.

“Uma oportunidade única que se deu, finalmente, de poder unir pessoas nativas de distintos povos do mundo. Porque, com

isso, pode-se revitalizar formas de vidas e cosmovisões, além de conscientizar a sociedade dita ‘moderna’ de que o modo de vida dos povos originários é uma alternativa importante ao seu modo de vida. Há um processo importante de buscar refazer os nexos entre os mais idosos e os mais jovens, pois, sem essa conexão, nossas culturas irão desaparecer”. (Representante dos povos indígenas do México)



Representantes da Mongólia
Foto: © PNUD/Tiago Zenero

MONGÓLIA

A delegação da Mongólia foi composta por cinco pessoas, sendo três mulheres e dois homens.

“Estou muito feliz de vir ao Brasil para os Jogos Indígenas, porque esta é uma oportunidade interessante de compartilhar nossos jogos uns com os outros”. (Representante dos povos indígenas da Mongólia)

NICARÁGUA

A delegação nicaraguense foi composta por 25 pessoas das seguintes nações: Miskitu Waspam, Miskitu Bilwi, Mayangna (Tuahka), Mayangna (Sauni AS), Mayangna (Sauni Arungka), Rama, Ulwas, Mayangna AWB, Miskitu AWB e Creol.



Delegação da Nicarágua

Foto: © PNUD/Tiago Zenero

NOVA ZELÂNDIA

A delegação neozelandesa foi composta por 41 integrantes do povo Maori.



Representantes Maori da Nova Zelândia

Foto: © PNUD/Tiago Zenero



Delegação do Panamá
Foto: © PNUD/Tiago Zenero

PANAMÁ

A delegação panamenha foi composta por 66 pessoas, dos povos Kuna, Ngobe e Embera.

“A importância destes Jogos Mundiais é que nós, indígenas, lutamos por nossos direitos em todos os campos. O resgate de nossos jogos é também o resgate de nossa identidade”. (Representante dos povos indígenas do Panamá)

PAQUISTÃO

A delegação paquistanesa foi composta por sete pessoas do povo Rajpoot.

PARAGUAI

A delegação paraguaia contou com 18 homens das seguintes nações: Enxet Norte, Guarani Ñandeva, Guarani Ocidental, Nivacle, Maka, Ava Guarani, Ache e Enxet Sur,



Delegação do Paraguai
Foto: © PNUD/Tiago Zenero

“A importância destes Jogos Mundiais está na possibilidade de mostrar a nossa cultura, danças e jogos tradicionais para outros irmãos, e começar a desenvolver em nossas próprias aldeias este método de desenvolver o resgate da cultura, por meio de seus jogos tradicionais”. (Representante dos povos indígenas do Paraguai)

PERU

A delegação peruana foi composta por 33 pessoas das seguintes nações: Amazonas / Arawak, Madre de Dios / Arawak, Pasco S. G. Humanmarca, San Martín / Awajun, Ayacucho / Binchos, Apurímac / Cachinchiya, Apurímac / Llañucancho e Loreto / Cocama Bora.

“Estes Jogos permitem avançar no campo da integração dos diversos povos originários. Além disso, há muitos jovens e pessoas adultas, mães e pais de família, e esta experiência no Brasil será muito importante no sentido de avançar na organização das comunidades”. (Representante dos povos indígenas do Peru)



Delegação do Peru
Foto: © PNUD/Tiago Zenero



Representante da Rússia
Foto: © PNUD/Tiago Zenero

RÚSSIA

A Rússia foi representada por uma mulher, do povo Evens.

“Nós somos uma família, e celebrar os jogos indígenas permite salvaguardar a cultura desses povos ao redor do mundo”. (Representante do povo Evens, Rússia)



Delegação do Uruguai
Foto: © PNUD/Tiago Zenero

URUGUAI

A delegação uruguaia foi composta por oito pessoas, sendo cinco homens e três mulheres do povo Charrua.

“É uma oportunidade maravilhosa, um presente do Grande Espírito para compartilhar e abraçar todos os irmãos de todo o mundo e, também, apoiar as reivindicações de nossos direitos, dos povos originários de todo o mundo. É uma oportunidade de dar ao mundo um exemplo de comunhão e irmandade para toda a família humana”. (Representante do povo Charrua, Uruguai)





Foto: © PNUD/Tiago Zenero

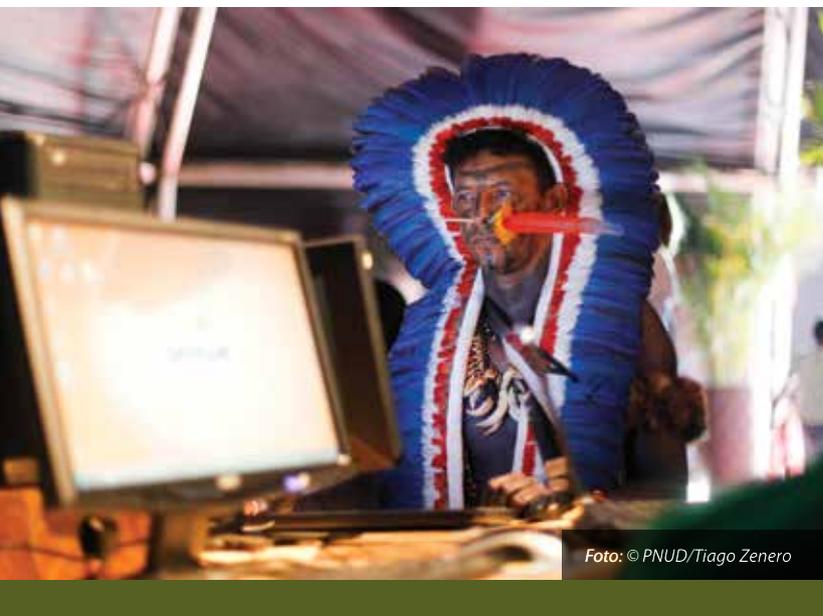
OCA DIGITAL



Na Oca Digital, foi realizada uma série de oficinas de informática, em geral relacionadas à interatividade e às redes sociais, e também outras, de tratamento e edição de imagens; *web* conferências (facilidades e vantagens); criação de *blogs* interativos e comunicação em tempos de mídias sociais. A ideia principal foi instrumentalizar os participantes para o manejo dos principais suportes de comunicação *online*, como forma de facilitar o contato entre os diferentes povos e a divulgação da cultura indígena, por meio dos mais modernos recursos disponíveis. Nesse espaço, foram principalmente os jovens que puderam criar novas formas de conexão entre si e novos caminhos para a permanência de sua cultura, seus costumes, ritos e mitos.

Entretanto, o uso desse tipo de tecnologia merece ser tratado com atenção. Por um lado, o avanço da tecnologia tem a importância de conectar os indígenas, bem

como possibilitar que as próprias comunidades tenham a possibilidade de apresentar seus valores, problemas e cultura sem a intermediação de pessoas ou instituições não indígenas. No entanto, por outro lado, o avanço tecnológico pode levar à desvalorização do tradicional, em oposição ao que é considerado moderno. Nesse sentido, pode-se dizer que os jovens são mais suscetíveis a adotar conhecimentos tecnológicos e a abandonar os tradicionais.



Um dos principais desafios das manifestações culturais das comunidades indígenas é a garantia da transmissão desses conhecimentos tradicionais para as novas gerações. O conflito de gerações tem se tornado um problema cada vez mais frequente, na medida em que valores não indígenas são introduzidos no cotidiano das aldeias. É comum que os anciãos se sintam impotentes diante dessas mudanças significativas.

Um exemplo de como a cultura moderna tem sido apropriada pela cultura indígena é o *rap* do grupo Bro MC, que se apresentou durante os

Jogos e tem feito *rap* como forma de expressão dos principais problemas enfrentados pela juventude indígena. Essa forma de arte tem um grande apelo junto aos jovens e pode ser considerada como uma forma de manifestação não tradicional, mas de grande efetividade.

O esporte também tem se mostrado um instrumento para garantir a transmissão de uma série de conhecimentos tradicionais, uma vez que produz a aproximação entre as diferentes gerações. Existem determinadas modalidades, como o arco e flecha, nas quais não há nenhum tipo de divisão etária e, nesse sentido, resulta em um espaço de convivência e troca de experiências e conhecimentos entre jovens e idosos.

Durante os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, a Oca Digital serviu como um catalisador dessas questões, na medida em que disponibilizou acesso livre à internet e cursos de informática para os indígenas interessados. Esse tema também foi debatido durante o fórum Educação, Jogos Indígenas, Ciência e Universidade, desenvolvido na Oca da Sabedoria. Com isso, torna-se claro que esse dilema não se restringe apenas ao uso da internet e das redes sociais, na medida em que todo o processo educativo também está fundamentado no diálogo intercultural e não necessariamente em acordo com a cosmovisão indígena, nem tampouco alinhado com o processo pedagógico tradicional indígena.

“A cultura indígena passa de geração em geração, perpetua de maneira muito inteligente tudo o que é peculiar e, por isso, é importante que os jovens possam aprender com os mais velhos, e entender com respeito, porque um dia eles serão os idosos que irão passar os seus ensinamentos aos mais jovens”.

(Robson Caetano, atleta olímpico brasileiro)

Não é possível pensar o mundo atual sem considerar o uso de todos os meios de comunicação e tecnologias. Nesse sentido, todo esse instrumental será apropriado pelas comunidades indígenas. Se for adequadamente apropriado pelos povos originários como uma ferramenta de salvaguarda do seu patrimônio imaterial, esses novos instrumentos poderão estar a serviço da cosmovisão indígena, e não o contrário. Uma forma de fortalecer esse caminho pode ser a remodelação do processo pedagógico, de maneira a fazer com que seja amplamente adotada a educação de *forma originária*³, isto é, que leve em conta os aspectos tradicionais de todas as nações.



3. Expressão utilizada por Felix Bororo durante o Fórum Educação, Jogos Indígenas, Ciência e Universidade.

FEIRA NACIONAL DA AGRICULTURA
TRADICIONAL INDÍGENA

NATIONAL MARKET OF THE INDIGENOUS
TRADITIONAL AGRICULTURE

FERIA N
TRA





FEIRA DE AGRICULTURA FAMILIAR INDÍGENA

A feira é sempre um lugar de encontros, de trocas, um experimentar e surpreender-se. Nas feiras, outros sentidos são aguçados, e o entendimento das culturas e de seus modos de vida ocorrem de maneira concreta por meio dos gostos, das texturas, dos cheiros. Na feira, são estabelecidas outras conexões e, em se tratando das culturas indígenas, dos povos originários, tais conexões têm raízes profundas: a saúde dos indígenas e do meio ambiente, o protagonismo das mulheres, a segurança na posse da terra refletem a produção e são refletidos por ela.

Neste espaço, eles puderam apresentar seus produtos e debater a respeito de sua forma de produção e das técnicas utilizadas. Foram comercializados açaí, guaraná, farinha de mandioca, mel, cará e castanha em forma de farinha, usada

como suplemento alimentar. Além desses produtos, os indígenas também trouxeram a amêndoa da castanha, azeite, biscoito, macarrão, barra de cereais de castanha do Brasil, óleo de copaíba e andiroba, tapioca, beiju, chocolate, farinha de mandioca e sequilhos, entre outros produtos.

A relação com a terra é um dos aspectos mais importantes da cultura dos povos tradicionais. Toda a sua cultura está estruturada com base nos elementos da natureza. O ser humano, a terra, o sol, a lua e os animais são considerados uma única realidade e, nessa medida, a terra deve ser preservada como as próprias pessoas. Os jogos tradicionais mantêm uma relação estreita com o ambiente local e causam pouco ou nenhum impacto no ambiente, estando muitas vezes associados a rituais e locais sagrados e sendo preservados com o objetivo de manter vivos os espíritos da natureza que circundam a aldeia e todos os indivíduos.

A Resolução A/RES/65/166, de 2010, da Assembleia Geral das Nações Unidas, reconhece que a cultura é um componente essencial do desenvolvimento humano e apresenta uma grande contribuição para o fortalecimento do desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, faz um apelo aos Estados-membros pela “integração da cultura nas políticas e estratégias de desenvolvimento global” (2b) e “pela salvaguarda do conhecimento tradicional local e indígena e práticas comunitárias de gestão ambiental, uma vez que são exemplos valiosos da cultura como veículo para a sustentabilidade ambiental e desenvolvimento sustentável, e de fomentar as sinergias entre a ciência moderna e os conhecimentos locais e indígenas” (2e).

“Antigamente, vivíamos discriminados. Madeireiros, pescadores e garimpeiros tiravam as coisas da nossa terra e se aproveitavam dos índios. Agora, a comunidade está aprendendo a cuidar da natureza e voltando a viver dela. A castanha é a única coisa que não traz problemas”. (Kaban, Sentinelas da Floresta)

“É muito importante que tenhamos a visão de desenvolvimento ampliada com a noção de ecodesenvolvimento, levando em consideração os conhecimentos tradicionais indígenas. Nós nos integramos em nível mundial para construir uma coisa que transcenda a Declaração Internacional dos Direitos Indígenas e represente efetivamente estudar as políticas públicas de um país e de outro para ver o que podemos aproveitar das experiências da Europa, da África, da Ásia, da América do Norte e da América do Sul e, assim, reciprocamente, de todos os países das Nações Unidas”. (Membro da etnia Xavante, Brasil)

Os conhecimentos tradicionais de cultivo, respeito aos tempos da natureza e integração com os ciclos do universo oferecem um importante contraponto às práticas não indígenas de cultivo e manejo dos recursos naturais. Os frequentes sinais da mudança climática deixam claro que a capacidade de resiliência da Terra foi afetada em função da excessiva exploração humana. Nesse sentido, os conhecimentos ancestrais de relação com a Mãe Terra, aliados aos conhecimentos científicos, podem oferecer importantes soluções para o mundo moderno.

“Quando estava saindo da aldeia, nosso pajé falou o seguinte: ‘Você vai dizer ao mundo o nosso recado de que nós, os pajés, estamos muito preocupados, não somente com nossos povos, mas com todo o mundo, porque se ninguém conseguir parar essa mudança climática, essa devastação da aldeia global, não vai demorar para essa aldeia global explodir’”. (Membro da etnia Xavante, Brasil)

Na base de toda a questão dos conhecimentos tradicionais e sua importância para o desenvolvimento sustentável, para os indígenas, está a questão da *posse da terra*. Esse tema constitui uma das principais

reivindicações de grande parte dos povos originários presentes nos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. A vida dos povos autóctones depende da produção na terra, da garantia do acesso e da posse, no presente e para as futuras gerações. A questão atinge igualmente todos, inclusive os que atualmente estão estabelecidos em seus territórios, pois ainda são muitos os conflitos e as ameaças. A diminuição das áreas de ocupação é uma realidade para muitos povos, o que compromete severamente o modo de vida e a cultura dos indígenas. Durante os debates sobre o tema ambiental ocorridos durante o Fórum Social Indígena, ficou claro que a temática do reconhecimento dos territórios tradicionais ainda é um grande desafio no processo de garantia dos direitos indígenas.

“Tentaram tirar de nós o território, mas nós estamos nos territórios. Nós não somos sem-terra – nós somos sem o direito deste reconhecimento no papel, de possuir aquilo que sempre foi nosso, já que estávamos nesse território muito antes da formação do Estado-nação brasileiro”. (Membro da etnia Xavante, Brasil)

Um aspecto discutido durante os Jogos foi o importante *papel das mulheres* na garantia da sustentabilidade e da qualidade da vida indígena. Responsáveis pelo fornecimento do alimento cotidiano familiar, as mulheres são quem decide como e o que as famílias irão comer. Muitos são os desafios enfrentados pelas famílias indígenas, em função da inserção de elementos não indígenas na dieta. De maneira particular, o açúcar – em especial os refrigerantes – tem causado problemas de saúde, inclusive o diabetes, cujo índice tem aumentado significativamente nos últimos anos. São as mulheres, por meio da educação e do acesso à informação, as principais agentes de promoção da saúde das gerações atuais e futuras, bem como da luta pelos direitos a uma vida saudável dentro dos princípios e dos valores de sua cultura.

“Para as mulheres, os Jogos Indígenas significaram um grande avanço. Essa mesa de discussão sobre os direitos das mulheres indígenas permitiu verificar como está a situação das mulheres nos povos indígenas de outros países. Então, os Jogos Indígenas são esse encontro que permite a formação de redes e o estabelecimento de relações. Esse

é o grande legado deste evento: podermos nos encontrar e identificar que vivenciamos problemas comuns em todo o mundo, que os problemas de território, de carência de educação, de ausência de saúde e o desrespeito aos direitos são características de todos os países. Mas que, apesar de tudo isso, nossa dança, nosso canto, nossos adornos e nosso colorido fazem de nós, os povos, cada vez mais fortes". (Membro da etnia Tapuia, Brasil)



A Feira se insere em um conjunto de iniciativas do governo brasileiro voltadas aos povos indígenas, entre elas, o Selo Indígena do Brasil, o qual garante a identificação étnica dos produtos indígenas de origem agrícola, extrativista e também de artesanatos.

Todos esses temas foram sintetizados na 2ª Feira Nacional de Agricultura Tradicional Indígena (Fenati), que contou com 15 expositores, representando 19 nações, e que mostrou a prática do modo de produção indígena.

“A Fenati possibilita aos produtores expor e comercializar seus produtos, que são bastante diversificados e de qualidade. São produtos saudáveis, feitos sem agrotóxicos ou fertilizantes, como os povos indígenas vêm fazendo há séculos”. (Coordenador-geral da Feira)

Na 2ª Fenati, também foi organizada uma Biblioteca Viva, montada com sementes crioulas, resultantes de modificação tradicional popular e que têm sido guardadas por produtores tradicionais. Essas sementes foram cedidas por um guardião do município de Porteirinha (MG), que tem um grande banco de sementes. A manutenção dessas sementes, chamadas *crioulas*, é fundamental para a garantia da diversidade biológica das espécies, um dos principais fatores de garantia da produção de alimentos em tempos de mudança climática, e que se encontra bastante comprometida em função da produção e da comercialização de um número reduzido de variedade de sementes, inclusive transgênicas.

O objetivo consiste em sensibilizar as pessoas para a importância dessas espécies crioulas para a manutenção da diversidade biológica das espécies, incentivar a produção dessas plantas e o intercâmbio das sementes entre os produtores tradicionais. Este é um projeto de agroecologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (Ceulp/Ulbra), dedicado ao resgate de conhecimentos, métodos e sementes tradicionais de produção agrícola.



Foto: © PNUD/Tiago Zenero



Foto: © JMPI



FEIRA DE ARTESANATO

Para os indígenas, cada objeto do seu dia a dia é imbuído de um significado, uma vez que a vida é, toda ela, uma manifestação das divindades. As cores, os materiais, as técnicas utilizadas na confecção de cada peça, bem como as próprias peças, sua função e seu uso são como livros que narram histórias. Para os indígenas, o artesanato conta e divulga tais histórias. É um elemento de fortalecimento da identidade e tem se tornado cada vez mais um caminho de prosperidade.

Foi isso o que se viu na Feira de Artesanato. Essa feira foi implementada pelo Sebrae e está associada a um trabalho de capacitação dos artesãos indígenas, o qual vem sendo desenvolvido desde janeiro de 2015. Nesse processo de capacitação, foram realizadas oficinas de gestão, precificação e *design* de produtos. O objetivo consiste em valorizar os produtos indígenas sem, contudo, alterar sua cultura e seus motivos.





Detalhe de colares de miçanga

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

O local contou com 45 bancas de venda de artesanato, sendo cada uma delas dedicada aos artesãos de uma nação. Além do espaço de comercialização do artesanato indígena, foram definidos espaços para apresentações artísticas, para restaurantes e para a diversão das crianças.

O contato direto entre lojistas e artesãos propiciou um grande número de vendas, com bom retorno financeiro para ambas as partes. Nesse sentido, esse canal de comunicação pode ser uma importante contribuição para a economia das famílias indígenas envolvidas.

Foi interessante perceber que vários dos artesãos presentes no evento realizaram escambo entre produtos e formas de cooperativismo para a venda dos produtos artesanais. Assim, era comum encontrar artefatos de diferentes povos em várias barracas: essa é uma forma, por um lado, de diversificar os produtos e, por outro, de obter produtos de interesse ou mais valorizados. Esse tipo de postura deixa claro o ponto de vista indígena, fundamentado não na competição mercadológica, mas na criação de redes de interesses comuns, as quais fazem com que todos se beneficiem das atividades que desenvolvem conjuntamente.

A prática de determinadas manifestações do patrimônio cultural imaterial pode contribuir de maneira direta para a sustentabilidade econômica das comunidades detentoras desses conhecimentos e, nos últimos anos, o artesanato tem tido essa função para as comunidades indígenas. Adereços para distintas partes do corpo, confeccionados com diferentes materiais (como colares, brincos, cintos e tornozeliras), artefatos para o uso cotidiano (como peneiras e panelas de barro, por exemplo), utensílios para decoração e instrumentos musicais, que são de uso tradicional nas comunidades indígenas, apresentam grande apelo para os não indígenas, em função de sua beleza e utilidade, e por trazerem consigo seu valor patrimonial e a ancestralidade das técnicas utilizadas.

A venda desses produtos artesanais tem sido uma importante fonte de receitas para as comunidades, o que tem colaborado para que o conhecimento acerca desses tipos de artefatos, o manejo de suas matérias-primas, bem como o conhecimento necessário para sua confecção, mantenham-se vivos nas comunidades, salvaguardando, assim, as práticas comunitárias tradicionais. Além disso, a valorização desses produtos por pessoas externas às comunidades faz com que os próprios membros das comunidades valorizem os produtos e mantenham seu uso nos contextos tradicionais para os quais foram concebidos. De fato, como grande parte desses adereços e utensílios foi criada originalmente para usos cotidianos das comunidades, muitas vezes para finalidades rituais, caso não houvesse essa resignificação como produtos de venda, com o passar do tempo, seu uso poderia ser comprometido.

Miçangas, sementes, cascas de plantas e penas de animais são algumas das matérias-primas usadas na produção do artesanato indígena e foram adotadas de maneira generalizada por todos os que visitavam a Feira de Artesanato. No caso dos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, a pintura corporal chamou atenção pelo fato de ter sido amplamente utilizada por não indígenas, que se deixaram conduzir pelas mãos das diversas mulheres que se dedicavam a pintá-los com tinta de jenipapo.

Todas essas ações de aproximação dos não indígenas com a cultura dos povos originários têm força simbólica, na medida em que promovem um resgate e um reconhecimento dessas práticas culturais como parte do próprio patrimônio do país, uma vez que, muitas vezes, existe certa noção de que a cultura indígena é algo circunscrito àqueles povos, desconsiderando-se o fato de que os povos originários são a base de formação de todos os países.



Detalhe de pintura indígena

Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro



Queima de fogos de artifício durante o encerramento dos Jogos
Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

NÃO UM ENCERRAMENTO, MAS O INÍCIO DE UMA NOVA ETAPA

Os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI) foram um evento de grandes proporções. Foram 104.856 visitas, o que corresponde a uma média de 13 mil pessoas por dia. Os Jogos contaram, ainda, com cerca de 300 jornalistas credenciados de 21 países, como Itália, França, China, Chile, Inglaterra, EUA, Alemanha, Japão e México, entre outros.

No último dia do evento, foi anunciada a segunda edição dos JMPI, a ser realizada no Canadá, em 2017. Ficou definido, assim, que o evento será realizado a cada dois anos. Na presença dos líderes indígenas de 24 povos originários do Brasil e de outras 23 nações estrangeiras, o presidente do Comitê Intertribal (ITC), Marcos Terena, transferiu a responsabilidade para Willie Little Child, líder indígena do Canadá. A cidade e a data de realização da segunda edição dos Jogos serão definidas em uma próxima reunião.



“Em 1977, nas terras do povo Sami, já havia a intenção de fazer os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Um líder espiritual me deu uma missão especial. Nós levamos 38 anos para vir ao Brasil realizar esse sonho e levar os Jogos para o Canadá. Agradeço a todos os povos indígenas do Brasil por dar prosseguimento ao sonho desse líder espiritual. Temos a flecha dada por esse líder”. (Little Child, representante da delegação do Canadá)



Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

O grande evento realizado na vila dos I JMPI serviu como inspiração para indígenas e não indígenas construírem relações mais pacíficas, para a valorização da identidade cultural de todos os povos. O espírito que se viu na arena foi reflexo da convivência estabelecida entre os indígenas em seus locais de hospedagem, como a Ocara, onde puderam trocar experiências e jogar juntos. A convivência cotidiana se constituiu como um dos mais importantes objetivos do evento, o qual foi plenamente atingido.

Dia após dia, longe das câmeras e da curiosidade dos não indígenas, as relações foram se construindo e os laços foram se aprofundando, permitindo a identificação dos aspectos comuns das próprias culturas, das diferenças e da característica marcante de que todos esses povos são unidos por sua relação e por seu cuidado com a terra.

A realização dos I JMPI foi uma grande conquista, não somente das nações participantes, mas de todas as pessoas envolvidas na salvaguarda do patrimônio cultural em todo o mundo, posto que a valorização dos jogos tradicionais incide diretamente na valorização da própria cultura material e imaterial. Ao fortalecer as relações intergeracionais para

o desenvolvimento dos Jogos, cria-se uma vasta gama de possibilidades para que os conhecimentos e a identidade tradicionais sejam repassados e vivenciados pelas novas gerações.

O processo de sensibilização e informação dos não indígenas acerca dos grandes desafios e da agenda de lutas dos povos indígenas pode fazer uma diferença significativa nas conquistas a serem ainda alcançadas, como, por exemplo, o reconhecimento do direito aos territórios tradicionais.

O espaço aberto para discussão de temas de interesse indígena, no formato de fórum social, assim como a organização de feiras de artesanato e de produtos agropecuários resultantes das atividades produtivas indígenas, também têm importância significativa, na medida em que permitem a ampliação dos mercados consumidores para esses produtos mais saudáveis, obtidos por métodos naturais de produção e com respeito ao meio ambiente, de modo a promover a melhoria da saúde e da qualidade de vida dos consumidores indígenas e não indígenas.

O mundo contemporâneo coloca grandes desafios à humanidade: a contenção do avanço da mudança climática; a implementação de modos mais sustentáveis de produção e consumo; a consolidação de uma postura de diálogo e tolerância com o outro; a promoção da cultura e da identidade de cada povo; a implementação de processos educativos que permitam que crianças e jovens adotem posturas que garantam a continuidade da espécie humana e do planeta; e a valorização de uma cultura de paz. Muitas das respostas a esses desafios vêm sendo dadas pelas populações indígenas há milhares de anos e, ainda na atualidade, esses povos continuam sendo os depositários dos conhecimentos que podem garantir a melhoria da qualidade de vida em âmbito mundial. Com isso, os JMPI são uma importante contribuição no sentido de divulgar tais conhecimentos e modos de vida.

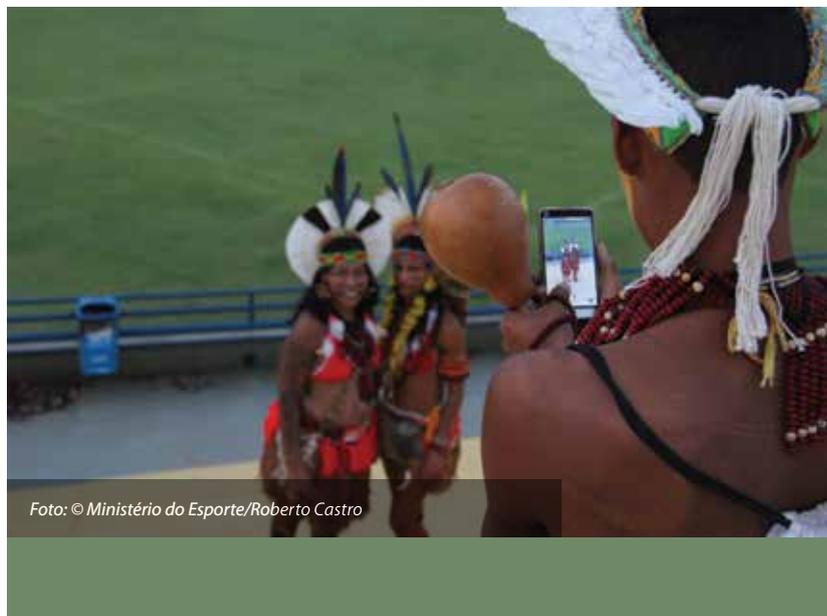


Foto: © Ministério do Esporte/Roberto Castro

“Nós, os povos indígenas, temos muito para oferecer ao mundo. E os Jogos Mundiais são uma vitrine onde se mostra uma parte daquilo que podemos contribuir para a harmonia com a natureza, para a harmonia entre os seres humanos. O espírito desses Jogos não é ganhar-ganhar, mas a convivência entre os homens, nesse momento entre nossos irmãos indígenas. Esse é o objetivo principal!” (Representante do povo Kuna, Panamá)

Os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas terminaram com a cerimônia de entrega de medalhas e com uma grande queima de fogos. Muitos corações, aquecidos pela energia da fraternidade, aguardam o novo encontro no Canadá, em 2017, cheios de esperança.



BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Saúde. *Sistema de Informações da Atenção à Saúde Indígena (SIASI/SESAI/MS)*. Brasília, 2012.

FUNASA. *Relatório de gestão de 2009*. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/10/relatorio_2009.pdf>.

FUNASA. *Relatório de gestão de 2010*. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/10/relatorio_2010.pdf>.

GRANDO, Beleni Saléte. Os povos indígenas participantes dos IX Jogos, in: GRANDO, Beleni Saléte. *Brincar, jogar, viver: IX Jogos dos Povos Indígenas*, 2010.

IBGE. *Indígenas*. Disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br>>.

IPEAX. *Instituto de Pesquisa Etno Ambiental do Xingu*. Disponível em: <<http://www.ongsbrasil.com.br/default.sp?Pag=2&Destino=InstituicoesTemplate&CodigoInstituicao=20952&Instituicao=INSTITUTO%20DE%20PESQUISA%20ETNO%20AMBIENTAL%20DO%20XINGU%20-%20IPEAX>>.

ISA. *Povos indígenas no Brasil: quadro geral dos povos*. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>>.

JMPI. *Guarani-Kaiowá*. 2015a. Disponível em: <<http://www.jmpi2015.gov.br/etnia/4/guarani-kaiow-a>>.

JMPI. *Waiwai*. 2015b. Disponível em: <<http://www.jmpi2015.gov.br/etnia/23/waiwai>>.

NAÇÕES UNIDAS. *Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas*: edição especial com perguntas e respostas. Brasília: UNESCO, Instituto Sócioambiental, UNIC-Rio, UNICEF, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001850/185079por.pdf>>.

TAFISA; UNESCO. *TAFISA/UNESCO Busan Appeal on the Promotion and Preservation of Traditional Sports and Games, signed on 28 Sept. 2008*. Busan: Tafisa, 2008. Disponível em: <http://www.tafisa.net/pdfs/Busan_Appeal.pdf>.

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>.



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Cooperação
**Representação
no Brasil**



*Empoderando vidas.
Fortalecendo nações.*



MINISTÉRIO DO
ESPORTE

